

FOTOGRAFEANDO

JOVENS TRABALHADORES RURAIS



EU E MINHA FAMÍLIA

João Fernando Igansi Nunes
Jennifer Paola Pisso Concha
(Orgs.)





Propriedade: Instituto Terra e Memória
Organizadores: João Fernando Igansi Nunes, Jennifer Paola Pisso Concha

Título: E-book FOTOGRAFEANDO - Jovens Trabalhadores Rurais, Educação e Patrimônio Cultural, Morro Redondo - Rio Grande do Sul - Brasil
© 2023, ITM e autores
Série AREA DOMENIU
DEPÓSITO LEGAL: 177117 / 02
ISSN: 1645-6947
Mação, 2023

Refª: Nunes J.F.I.; Concha J. P. P.(2023).
E-book FOTOGRAFEANDO - Jovens Trabalhadores Rurais, Educação e Patrimônio Cultural, Morro Redondo - Rio Grande do Sul - Brasil. Mação: Instituto Terra e Memória, série AREA DOMENIU, suplemento especial ao vol. 15.

Solicitamos permuta | On prie l'échange | Exchange wanted |
Tauschverkehr erwünscht | Sollicitiamo scambio

CONTACTAR:
Instituto Terra e Memória
Largo dos Combatentes, 6120-750 Mação, Portugal
itm.macao@gmail.com
www.institutoterramemoria.org
apheleiaproject.org

Design Editorial: João Fernando Igansi Nunes
Formato 170 x 1080 pixels

Fontes tipográficas:
Futura Condensed Medium 24, 30, 45 e 60 pts
Futura LT Book Regular 10, 14, 18 e 24 pts
Futura LT Book Italic 14 pts
Futura LT Book Bold 24 pts

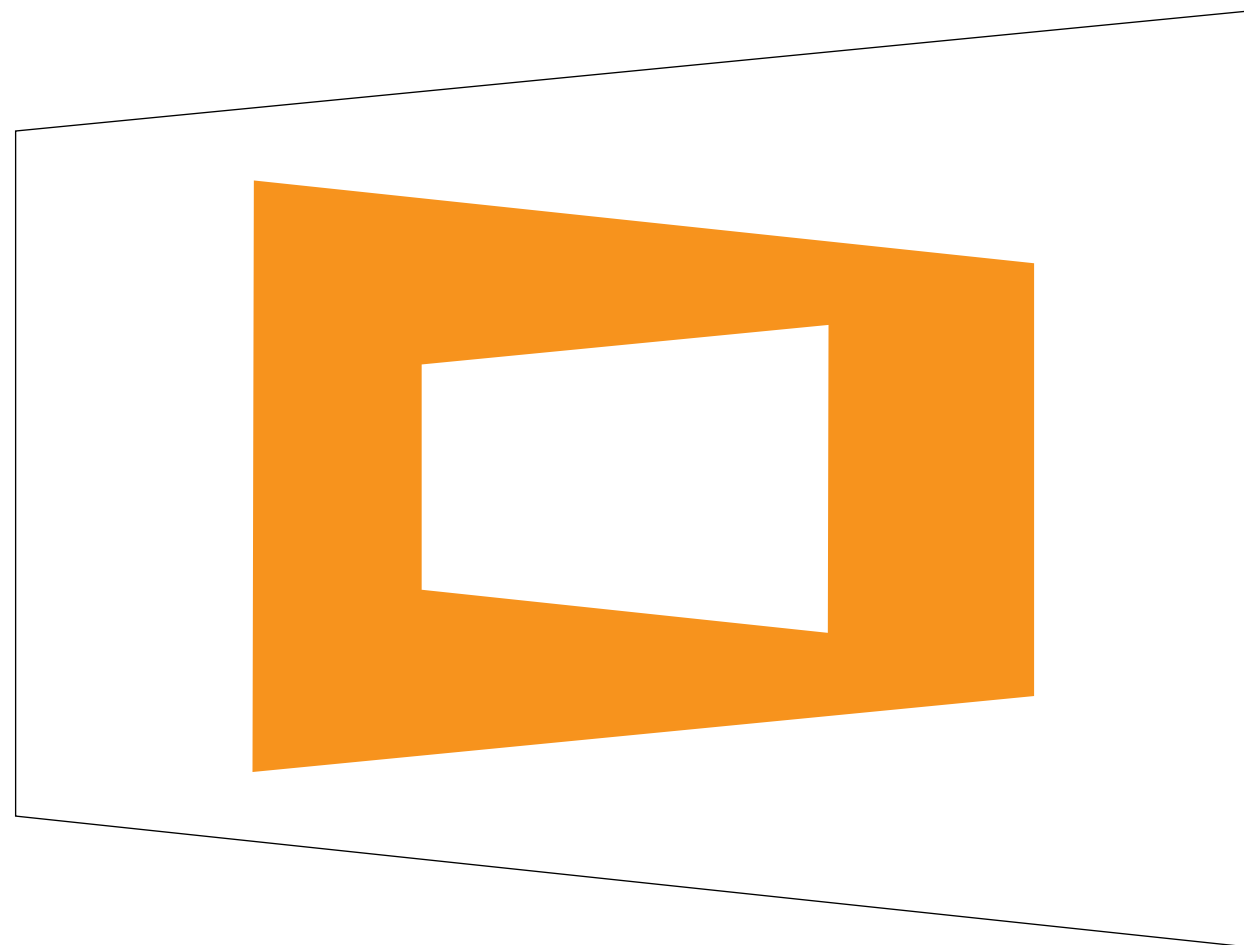


GESTÃO INTEGRADA
PATRIMÔNIO CULTURAL
MORRO REDONDO
RS | BRASIL



GALERIA

GESTÃO INTEGRADA
PATRIMÔNIO CULTURAL
MORRO REDONDO
RS | BRASIL



FOTOGRAFEANDO

Jovens Trabalhadores Rurais

Educação e Patrimônio Cultural

Morro Redondo – Rio Grande do Sul – Brasil



SUMÁRIO

Imagem em ação: o instante e o permanente Jennifer Paola Pisso Concha, João Fernando Igansi Nunes	6
FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais Educação e Patrimônio Cultural: Gestão Integrada do Patrimônio Cultural (GIPC) de Morro Redondo Inguelorte Sheunemann	11
Morro Redondo: Rio Grande do Sul – Brasil Anderson Guths	15
Contra a alienação: Olhar e plasmar / Percecionar e construir Luiz Oosterbeek	17
O patrimônio na ponta do novelo Diego Lemos Ribeiro	19

I. A experiência de olhar

Fundamentos da linguagem fotográfica: desenvolvendo o olhar fotográfico Kátia Helena Rodrigues Dias	32
A selfie nossa de cada dia José Franco Arispe Rodriguez	36
“Professora, eu acho que minha avó é um tesouro vivo desses!” Giane Trovo Belmonte	41
Oficina de fotografia digital: Fotografeando Morro Redondo Ubirajara Cruz	46
Jovens rurais e suas representações sobre o trabalho Vania Grim Thies	52

II. A experiência de plasmar

FOTOGRAFEANDO Jovens Trabalhadores Rurais: Educação e Patrimônio Cultural Jennifer Paola Pisso Concha	63
JOVENS TRABALHADORES RURAIS	65
EU E MINHA FAMÍLIA	84
Fotografar, registrar, mostrar e sonhar o futuro, vivendo o presente Francisca Ferreira Michelin	97
Abertura FOTOGRAFEANDO	100

Imagem em ação: o instante e o permanente

Jennifer Paola Pisso Concha
João Fernando Igansi Nunes

[Re]pensar a potência da fotografia desde o social-comunitário, além de possibilitar o conhecimento sobre a técnica, faz-se aqui estratégia para promover o reconhecimento de um território a partir da beleza emanada por um saber viver rural; pois, aquilo que está fotografado, como exercício de valor – mostrar o que significa – produz um diálogo visual originado pelos olhos de quem congela o tempo-espço em imagem e amplia seus sentidos no vigor da observação do outro.

Em consequência, por uma arqueologia de emoções que constrói histórias sociais, culturais e identitárias, se ativa a memória e se dá poder imagético-reflexivo em cada olhar sobre o ambiente, sobre os objetos, sobre nós mesmos. Portanto, as fotografias realizadas com telefone celular pelos jovens trabalhadores da cidade de Morro Redondo, RS – Brasil, permitem evidenciar o território como um espaço vivo e familiar que articula construções sociais, modos de viver e laços afetivos revelados pelas imagens que narram suas motivações, pontos de vista e emoções; elementos que permitem o reconhecimento e resignificação do território.

1. Acesso à Galeria 3D pelo hiperlink:
<https://app.gather.town/app/FldRMf1MzoZk0Ytt/Exposcao%20Jovens>

2. Acesso pelo hiperlink:
<https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/>

FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais | Educação e Patrimônio Cultural¹, promovido pela Gestão Integrada do Patrimônio Cultural (GIPC)² de Morro Redondo, fazendo uso do poder simbólico na fotografia social-comunitária, com o apoio da Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Morro Redondo; a colaboração da Escola Municipal Alberto Cunha e da Escola Municipal José Pinto Martins, apresenta o saber viver no seu saber fazer no contexto da biodiversidade e, conseqüentemente, da dimensão social-afetiva da juventude morroredondense.

Para tentar entender qual é a representação de Morro Redondo sob olhar fotográfico dos jovens, com o intuito de oferecer ferramentas técnicas, foram realizadas atividades de instrumentalização à linguagem e técnica fotográfica.: o Seminário Híbrido Fotografeando, durante o período de agosto de 2022, na Escola Municipal Alberto Cunha e, em outubro de 2022, a oficina de prática fotográfica enquanto ferramenta de registro e fonte de memória. Paralelamente, na Escola Municipal José Pinto Martins, somando forças a GIPC, se desenvolveu e problematizou como os jovens e suas famílias são representados no rural. Para isto, foi relevante os registros fotográficos que estimularam as rodas de conversa entre os professores, os alunos e suas famílias a partir de duas grandes categorias: o espaço geográfico rural e o trabalho junto às famílias.

Desta maneira, Anderson Guths no artigo “Morro Redondo: Rio Grande do Sul – Brasil”, coloca o município de Morro Redondo em um cenário histórico, de tradições e de paisagens que encantam pela tranquilidade do interior, levando em consideração cuidados e políticas de preservação. Isto é – poderia ser –, um trabalho que se articula com os jovens da cidade rural.

Na sequência, Luiz Oosterbeek no artigo intitulado “Contra a alienação: Olhar e plasmar / Percecionar e construir”, debate sobre a experiência de fotografar, chamando atenção sobre o poder da imagem para apresentar visões de mundo, mas também para pensar a sua dimensão estética e ética nas suas representações sociais.

No artigo intitulado “O patrimônio na ponta do novelo”, Diego L. Ribeiro traz uma [de] [re]-construção sobre o patrimônio cultural de maneira sensível e tocante, através de uma dança de memórias e histórias potenciadas por um poema de Melo Neto e as figuras representativas da concha e a gamela ao longo do texto, o autor questiona o sentido dos objetos em relação às experiências, aos afetos e às próprias pessoas.

Por outro lado, as atividades desenvolvidas configuraram a temática deste livro, estruturado a partir de dois eixos transversais complementares.

No primeiro eixo, A experiência de olhar, apresentamos os artigos, resultado das vivências na própria pele dos autores, a partir do Seminário Híbrido Fotografeando, a oficina prática de fotografia e as rodas de conversas com a juventude rural; entrecruzando o olhar sensível/escuta atenta e os ensinamentos/aprendizagens à luz das Artes, da Cultura, da Educação e dos conceitos de Memória e Patrimônio. Kátia Rodrigues, com o artigo “Fundamentos da linguagem fotográfica: desenvolvendo o olhar fotográfico”, oferece conceitos-chave a ser considerados na composição de uma fotografia, e.g., luz, planos, foco, ângulo, cor, movimento, textura e perspectiva; construindo uma linguagem técnica-visual que nos lembra da potência da fotografia como meio de expressão e comunicação.

Desse modo, no artigo intitulado “A selfie nossa de cada dia”, José Arispe complementa a linguagem fotográfica, sob ótica do gênero fotográfico dos autorretratos, fortemente difundido nas redes sociais pelo uso das câmeras nos celulares. Porém, chama nossa atenção ao questionar pelo conteúdo da imagem para além de um olhar superficial, que ainda influenciada pela velocidade de criação, deve-se perguntar por quais são os espelhos da nossa realidade.

Ainda neste eixo temático, apresentamos o artigo de Giane Trovo, intitulado “Professora, eu acho que minha avó é um tesouro vivo desses!”, concebido com base em seus

estudos que refletem sobre a importância de salvaguarda com conhecimentos sobre os patrimônios culturais do Brasil. Assim, a autora faz ênfase ao patrimônio imaterial, os tesouros humanos vivos e a participação do jovem de Morro Redondo na continuidade desse bem cultural. Eis, um artigo que provoca discussões sobre a tríade patrimônio-cultura-educação, mas também estimula a troca de conhecimentos naquele olhar de cidade.

Na sequência, o artigo intitulado “Oficina de fotografia digital: Fotografeando Morro Redondo”, Ubirajara Cruz compartilha a sua experiência de fotografar com os estudantes da escola Alberto Cunha. Desse modo, a oficina torna-se em espaço de ensinamentos-aprendizados, estimulados pelo registro fotográfico e o diálogo com a juventude que também captura seus cotidianos, seus modos de ver, seus próprios registros de memórias afetivas. O artigo apresenta imagetivamente alguns dos momentos vivenciados durante a oficina e na montagem da exposição FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais | Educação e Patrimônio Cultural, lançada no dia 24 de novembro de 2022.

Fechando esse bloco temático, o artigo intitulado “Jovens rurais e suas representações sobre o trabalho”, Vania Grim Thies narra de modo sensível e refletivo a experiência de olhar para o território de MR sob ótica da juventude rural, através da produção de fotografias que em sua potência simbólica, permitiu conhecer como os adolescentes e suas famílias são representados no rural. Isto é, um exercício antropológico sobre o lugar, as emoções e as próprias experiências do território vivo.

No eixo temático 2, A experiência de plasmar, naquela potência da imagem em ação, em 24 de novembro de 2022, no Centro de Eventos do Município e no Museu Histórico de Morro Redondo, está registrado o conteúdo visual da exposição virtual FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais | Educação e Patrimônio Cultural (Galeria GIPC) e alguns momentos da abertura da exposição.

O bloco temático é fechado pela Francisca Ferreira Michelin com o artigo intitulado “Fotografar, registrar, mostrar e sonhar o futuro, vivendo o presente”, [re]pensando a fotografia como sonho[s], mas também para extrapolar dita ideia à exposição Fotografeando.

Esperamos que a leitura e visualidade deste livro, imagens em ação que hoje tornam aqueles instantes de ensinamentos e aprendizados no continuum da experiência possam inspirar reflexões sobre o território vivido e, permanentemente, vivo pelos jovens trabalhadores rurais e suas famílias.

Sentipensante Leitura!

Jennifer Paola Pisso Concha
www.moryta@gmail.com

Coordenadora da Exposição “Jovens Trabalhadores Rurais Educação e Patrimônio Cultural”. Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Pelotas.

João Fernando Igansi Nunes
fernandoigansi@gmail.com

Professor Titular do Colegiado dos Cursos de Design – Universidade Federal de Pelotas.

FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais Educação e Patrimônio Cultural: Gestão Integrada do Patrimônio Cultural (GIPC) de Morro Redondo

Inguelorte Sheunemann

Temos em mãos (usando a consagrada expressão, ainda que para uma publicação digital) o livro FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais | Educação e Patrimônio Cultural, expressão dos resultados do projeto do mesmo nome, o qual é parte integrante do Programa Gestão Integrada do Patrimônio Cultural (GIPC) do Polo Morro Redondo, Cátedra UNESCO-IPT em Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território, cujo acrônimo é Cátedra UNESCO/IPT HUM.CILM.

Este projeto, que vem na sequência e, ao mesmo tempo, está totalmente imbricado com as ações realizadas em pouco mais de três anos, no âmbito do Polo Morro Redondo, tem como escopo, em última análise, aprofundar o sentido de pertencimento da população ao território, neste momento, trabalhando com jovens estudantes em escolas rurais do município de Morro Redondo, através de suas próprias leituras da paisagem cultural de onde vivem e das vivências e memórias dos mais idosos, de sua família, de seu entorno.

A execução e os resultados obtidos foram muito gratificantes. Aliás, sempre é gratificante traçar metas e desenvolver ações com jovens. Sempre nos surpreendem, positivamente. O seu olhar agudo, com a propriedade de enxergar outros ângulos na mesma paisagem que nós, adultos, estamos a ver, é distinto.

A escolha da fotografia como mídia, apoiados em instrumentos que já usam cotidianamente, seus celulares, deu-lhes a oportunidade de exercitar a técnica fotográfica, enquadrar as paisagens (entendendo paisagens em latu-senso) tendo como ponto de partida a sua percepção daquele ambiente que, certamente, vem mesclada de memórias, não somente suas, mas de seus pais, avós, família e pessoas de sua comunidade.

As fotografias resultaram esteticamente belas e expressivas o que está corroborado pelo orgulho que os jovens estudantes exibiram pelo seu trabalho e resultados, durante a inauguração da exibição destas fotos, na Galeria GIPC. Nas fotos, nos deparamos com um território um pouco diferente daquilo que se vê no dia a dia, exatamente porque interpretado à luz das memórias, à luz dos tantos acontecimentos pregressos ali ocorridos, onde o sentimento está envolvido.

O envolvimento dos professores da Escola Municipal José Pinto Martins e da Escola Alberto Cunha foi fundamental para que o quadro descrito ocorresse e, não menos decisivo, o envolvimento dos professores, funcionário, estagiários e estudantes da Universidade Federal de Pelotas que se dedicam, com entusiasmo, ao Polo Morro Redondo, o que resultou em frutos multiplicados do projeto FOTOGRAFEANDO: Jovens Trabalhadores Rurais | Educação e Patrimônio Cultural.

Assim, para além da mostra fotográfica e sua exibição no Museu Virtual da UFPEL, Galeria GIPC, gerou-se este livro, com textos ricos em conteúdo escritos pelos envolvidos neste projeto, bem como de colaboradores externos.

As fotografias, complementadas pelos textos, tornam esta publicação um testemunho do que, com orientação consistente, jovens estudantes podem usar as recursos acessíveis, neste caso as câmaras fotográficas de seus celulares, mostrando visualmente e com seus testemunhos, facetas ricas em beleza e em história de seu território, memórias incorporadas na imagem e em suas mentes, memórias que são coletivas e portanto, contribuem para a formação de um sentimento comum na comunidade de Morro Redondo, sentimento de pertencimento a sua terra.

Cabe, neste prefácio, uma menção, mais consubstanciada, à Cátedra UNESCO /IPT Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território, Instituto Politécnico de Tomar – Portugal, Cátedra UNESCO-IPT HUM.CILM, cujos objetivos, em termos amplos, visam o desenvolvimento harmônico e sustentável do território, tendo como base a cultura local, programa que ganhou a adesão e o envolvimento da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL e da administração municipal de Morro Redondo, através da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto. A partir desta união de esforços, foi possível estabelecer o Polo Morro Redondo da Cátedra UNESCO-IPT HUM.CILM cujo início das atividades ocorreu em 2019.

Ressalte-se que a UFPEL vem desenvolvendo projetos com a comunidade morro-redondense, já a vários anos, prévios ao advento do Polo Morro Redondo, cujo ícone é o Museu Histórico de Morro Redondo, assim como a UCPEL, cujos projetos têm como sua face o Escritório Regional de Desenvolvimento.

A pandemia de COVID 19, que requereu isolamento das pessoas para contenção do espraiamento do vírus, exigiu um freio, durante pelo menos 2 anos, das atividades previstas para o Polo Morro Redondo. Apesar de tal situação, ações foram desenvolvidas, online, com a retomada presencial em 2022, cujos resultados podem ser lidos, vistos, apreciados na presente publicação.

A Cátedra UNESCO/IPT Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território - Polo Morro Redondo não tem um prazo para terminar, mas requer resultados crescentes, onde o envolvimento da comunidade é fator sine qua non para que se desenvolvam os projetos programados. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS, da ONU permeiam todas as atividades propostas, assumindo-se que desenvolvimento/sustentabilidade ocorrem quando os fatores culturais, fatores ambientais, fatores sociais, fatores econômicos estão transconectados, um está presente no outro, pois o Território onde vivemos é unívoco.

Inguelore Scheunemann
inguelore@gmail.com

Representante da Cátedra UNESCO-IPT de Humanidades e Gestão Cultural
Integrada do Território no Polo Morro Redondo/RS.

Morro Redondo: Rio Grande do Sul – Brasil

Anderson Guths

Morro Redondo, jovem município da região sul do estado do Rio Grande do Sul, emancipado em 12 de Maio de 1988, deixando de ser o então 8º distrito de Pelotas, distrito o qual já carregava consigo as características da tradição doceira do município de Pelotas, tanto que esse distrito se destacava na produção doceira de Pelotas, seu povo passa a deslumbrar o desenvolvimento desse distrito, então começa o movimento emancipacionista, e a esperada independência vem através do sim no plebiscito, eis que surge o município de Morro Redondo, distante quarenta quilômetros da sede do município de Pelotas, com acesso pela BR 392, tendo seus limites formados pelos municípios de Cerrito, Canguçu, Pelotas e Capão do Leão.

A emancipação se torna o marco motivacional para o seu povo, que passa a trabalhar intensamente para o desenvolvimento rápido desse território, para isso conta com uma colonização alemã forte, seguido de Italianos, negros e portugueses. Essa comunidade mantém a união do processo emancipatório e começa a transformação desse território situado na serra dos tapes e para isso conta com a sua tradição doceira, que através de suas cinco indústrias do setor conserveiro, tem no pêssego a sua principal cultura, com geração de empregos e renda de suma importância nesse desenvolvimento.

Nesse caminho doceiro também tem o destaque para a produção do doce Colonial, agregado a uma agricultura forte, coloca o município de Morro Redondo em um cenário de destaque na região. Mas para um jovem município, com uma população em torno de 6500 habitantes, com sede de desenvolvimento, os sonhos se tornam maiores, e esse Morro Redondo, não poderia deixar de explorar o seu próprio nome, mais uma alternativa de desenvolvimento, o turismo rural, visto que esse Morro é formado por paisagens exuberantes, uma natureza que encanta, pela tranquilidade do interior. Mas esse povo sabe que desenvolvimento precisa ser consciente, que a natureza precisa da preservação, e para isso, todos cuidados são tomados nos sentidos de preservação. Desenvolvimento que passa por diversos seguimentos, dentre eles um trabalho forte de políticas de investimentos na educação, proporcionando que nossas crianças e jovens possam se desenvolverem, terem suas formações acadêmicas e manterem as tradições desse município, principalmente para que os jovens do interior, possam permanecer nas suas propriedades rurais, visto que Morro Redondo, tem nas pequenas propriedades rurais a sua maior constituição populacional.

E por ser uma cidade rural esse Morro tem diversas colônias, que possuem características e nomes, que vale a pena destacar, a colônia Cachoeira, seu nome já diz, uma bela cachoeira e paisagem exuberante, Colônia São Domingos e Colorado, juntamente com o Rincão da Caneleira, Santa Bernardina e a Colônia São Pedro, se destacam pelo cultivo forte do Pêssego. Colônia Reserva, Santo Amor, Afonso Pena e capela da Buena, tem na criação de gado o destaque. Essas colônias formam esse Morro emergente, que tem sede de desenvolvimento, que no povo hospitaleiro e trabalhador almeja um futuro promissor.

Anderson Guths
tekoguths@hotmail.com

Professor. Secretário de Educação, Cultura e Desporto de Morro Redondo.

Contra a alienação:

Olhar e plasmar / Percecionar e construir

Luiz Oosterbeek

Este fruto do Pólo de Morro Redondo da Cátedra UNESCO de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território não é apenas um livro muito bonito (que é), ou um espaço de importantes reflexões teóricas no cruzamento entre fotografia e paisagem (que também é).

1. Sontag, S. (2008). On photography.
London: Penguin Books

Susan Sontag¹ lembrou que a fotografia, apesar de ser um instrumento de observação, supostamente não interventivo, é um ato agressivo que rompe com as interconexões e a continuidade que caracterizam a vida, para gerar uma ilusão de conhecimento, manipulada pelo ponto de vista de quem fotografa.

Dito de outra forma, não há fotografias inocentes. E essa manipulação da realidade, que conduz a uma espécie de “experiência em segunda mão”, carrega o fardo da alienação, especialmente quando a fotografia emerge como experiência estética. Isto não significa que a fotografia deva ser proscrita. Não apenas porque ela tem o poder de alimentar as visões de mundo (e de, dessa forma, poder ajudar a imaginar a sua transformação, inspirando novas utopias) mas, fundamentalmente, porque essa dimensão alienante da fotografia pode ser contida, na medida em que a sua dimensão estética não seja separada da dimensão ética.

As fotografias deste livro são bonitas, mas não escondem contradições, dilemas, tensões. Carregam confiança no futuro e ilustram pontos de vista, mas fazem-no explicitamente, não apenas através dos textos mas, também, através da sua própria diversidade imagética. A ética que as enquadra exprime-se, desde logo, pela afirmação, transparente, de que olhar não é um ato passivo, é um ato construtivo, que plasma uma certa forma de encarar, entender e desejar a realidade.

Vivemos num mundo governado pela ilusão visual, que na verdade é uma dupla ilusão: na sociedade mercantil e publicitária somos bombardeados com imagens alienantes que criam a imagem mental de uma harmonia que não existe, mas é igualmente ilusório pensar que essas imagens serão, de forma duradoura, determinantes para o futuro. Os nossos corpos começam por conhecer ouvindo, tocando, saboreando, cheirando... só muito depois chega a visão. A luz seduz, mas ofusca. Até que os olhos se habituem a ela, voltam a ver o chão e a procurar confirmar o que veem com o toque da mão no copo frio, com o odor da flor que se pressente ou o som da água no riacho que, ao não se escutar, se revela como fotografia e não como vida.

Este é um livro de fotografias com ética. E, quando a ética se integra com a estética, as formas de representação ganham a escala da integração cultural, abrindo espaço à reflexão crítica e à harmonia transformadora.

É neste rumo que se inscreve esta obra, na minha opinião. Parabéns aos seus autores.

Luiz Oosterbeek
loost@ipt.pt

Professor do Instituto Politécnico de Tomar e Coordenador da Cátedra
UNESCO-IPT de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território.
Membro da Academia Portuguesa da História.

O patrimônio na ponta do novelo

Diego Lemos Ribeiro

[...]

Não a forma encontrada
como **uma concha**, perdida
nos frouxos areais
como cabelos;

não a forma obtida
em **lance santo ou raro**,
tiro nas lebres de vidro
do invisível;

mas a forma atingida
como a ponta do novelo
que a atenção, lenta,
desenrola,

aranha: como o mais extremo
desse fio frágil, que se rompe
ao peso, sempre, **das mãos**
enormes.
[...]

Essa epígrafe, com destaques meus, é um fragmento de um poema de João Cabral de Melo Neto intitulado Psicologia da Composição (Parte VI). Melo Neto não foi um estudioso do patrimônio cultural, mas, com esse poema, abre portas e janelas para pensar essa categoria. Com lirismo e leveza, o autor desenha tramas e fios que compõem uma poesia. E, na forma de poesia, Melo Neto permite que pensemos sobre tudo aquilo que compõe o patrimônio cultural. A história do patrimônio no ocidente nos leva a imaginar que a própria concha cristalizaria essa ideia: ao encontrá-la aleatoriamente perdida, como nos frouxos areais, a concha mesma, como substância concreta, a cal; a concha imediatamente observada, coletada, guardada, conservada e registrada em um livro. Entretanto, seriam esses os mais instigantes atributos da composição da concha-patrimônio?

A resposta é não. Com efeito, o poema instiga a pensarmos a composição do patrimônio cultural para além do lance raro, em direção a uma constelação de sentidos e vivências que se desvela para fora da própria concha. A concha-patrimônio não se limita, ademais, a sua própria materialidade, pois é mais útil observar a composição da concha na ponta de um novelo. Contudo, a tal revelação que se projeta na forma de uma imagem, um sentimento, uma experiência, uma memória afetiva, um gesto, um click, ou mesmo de forma indizível e silenciosa, não é um acaso. Como mostra João Cabral de Melo Neto, para que esses fios memoriais que consituem o patrimônio ganhem peso, forma e corpo, isto é, a composição em si, é necessário cuidado e atenção. Mais do que isso: é imperativo evocar a forma e provocá-la.

Pensar o patrimônio na ponta de um novelo significa, antes de tudo, imprimir um olhar curioso sobre a coisa a ser preservada. Todavia não se trata de uma pergunta ao acaso ou descompromissada, como quem segura uma concha na mão, ou a coleta, de forma desatenta, em uma praia. A pergunta é necessariamente ontológica com a finalidade de compreender a natureza mais humana e vital do patrimônio. E, para que a tessitura que se desenrola desse novelo assuma uma forma instigante e consistente, é inevitável aproximar a coisa a ser preservada das pessoas comuns. É justamente nessa relação, entre coisa e gente, que a tessitura do novelo se desenrola. Por isso, conforme alerta Meneses (1998), é vão buscar o sentido dos objetos nos objetos. Em analogia, é vão buscar o sentido da concha somente por meio da análise de sua composição físico-química, ou pelo tamanho, ou pela cor, ou, de toda forma, por ela mesma.

Tim Ingod, no artigo *Trazendo as Coisas de Volta à Vida*, indica que “o pássaro é o seu voar; o peixe, o seu nadar. O pássaro pode voar graças às correntes e vórtices que ele introduz no ar, e o peixe pode nadar velozmente devido aos turbilhonamentos que ele causa com o movimento de suas nadadeiras e cauda. Cortados dessas correntes, eles estariam mortos” (INGOLD, 2012, p. 33) Poderíamos pensar da mesma forma sobre a concha-patrimônio. Trazer a concha de volta à vida implica observar, atenta e lentamente, as memórias dos sujeitos em relação à concha, a biografia das pessoas entrecruzada pela concha. A memória não é a concha sozinha, tampouco as pessoas em isolamento, mas fundamentalmente a relação intersubjetiva entre ambas. Cortar os fios vitais da concha – as memórias, as experiências, os afetos e as próprias pessoas – implica na morte do patrimônio.

Vejamos, então, como a poesia encontra a vida em uma experiência vivenciada no Museu Histórico de Morro Redondo. O personagem principal da trama que passaremos a narrar é uma gamela, um objeto que integra o acervo da instituição. E qual seria, então, o seu caráter distintivo, que o alça a patrimônio musealizado? Por certo, não é pelo valor de unicidade e raridade, já que gamelas são encontradas facilmente no

cotidiano das pessoas da cidade; menor ainda é o valor estético, uma vez que o artefato tem marcas de usos evidentes que indicam uma vida pregressa bastante ativa. Talvez o maior valor dessa gamela seja, justamente, sua trajetória biográfica (KOPYTOFF, 2010) e as memórias afetivas que podem ser despertadas dentro e fora do cenário museal.

Pesquisas realizadas pela equipe do Museu sobre a gamela indicaram diversos usos e percursos que esse objeto sofreu ao longo de sua vida artefactual. Além disso, a gamela foi um dos protagonistas de uma ação intitulada *Café com Memórias*. Essa atividade, realizada mensalmente, consiste em reunir idosos que colaboram com o Museu e a equipe do projeto de extensão universitária, por intermédio da Universidade Federal de Pelotas, por mim coordenado, com o objetivo de colocar essas pessoas à frente de objetos do Museu, os quais são dispostos sobre uma mesa. Ao confrontar os objetos, mais especificamente, neste caso, a gamela, as pessoas lançaram à discussão uma profusão de memórias que entrelaçam vivos e mortos, tempos pretéritos, lugares da cidade, o perto e o longe, tudo isso emaranhado em uma mesma tessitura de memórias compartilhadas. Essas relações intersubjetivas entre sujeitos e objetos ganham ainda mais potência quando partilhadas socialmente. Delas criam-se nexos entre os sujeitos, suas memórias e o território. Além disso, tornam-se manifestos estratos de memórias que, de outro modo, seríamos incapazes de experimentar e, não menos importante, podem oferecer bem-estar e tranquilidade ao situar aqueles idosos no tempo e no espaço vividos.

Outro desdobramento dessa ação é a compreensão do sentido da gamela, o que a singulariza. A partir do aprofundamento da pesquisa sobre esse artefato, conseguimos compilar uma série de informações sobre sua trajetória biográfica. Uma delas é que foi confeccionada por uma pessoa conhecida, Luiz Gameleiro, que se valia de raízes de figueira e de um formão para produzi-la. Foi-me dito, também, que era possível saber se a gamela fora confeccionada por Gameleiro ainda que não houvesse qualquer marca específica, como uma assinatura. Isso ocorria em razão de uma determinada identidade

gestual que distinguia sua origem. A gamela, que hoje reside no Museu, foi adquirida por Dona Leocir, moradora local, que a utilizava, dentre outros usos, para salgar a carne e misturar ingredientes para fazer pão. Por volta de 2007, essa gamela deixa de ter um uso prático e é emprestada à Comunidade Nossa Senhora de Guadalupe, onde passou a ser utilizada para finalidades análogas às de Dona Leocir. Poucos anos mais tarde, Dona Leocir percebeu que a gamela havia entrado em obsolescência na comunidade religiosa e, por isso, a retornou para o seu convívio. Ao retornar a sua casa, contudo, passou a ocupar um lugar privilegiado: não mais era utilizada para as finalidades para as quais fora projetada. Agora, a gamela estava disposta em uma prateleira, onde assumiu o papel de um objeto afetivo.

A visita do Sr. Ervino Buttow, um dos fundadores do Museu, à residência de Dona Leocir foi significativa para a trajetória da gamela. Ao vê-la na prateleira, logo percebeu que se tratava de uma gamela singular, uma gamela de Luiz Gameleiro, à época, já falecido. Após alguns momentos de conversa, a gamela é retirada do espaço privado e adentra o espaço museal, onde inicia uma nova fase de sua trajetória biográfica: a vida patrimonial. Essa transformação representou justamente a possibilidade de abertura de novos fios vitais, de inter cruzamentos de memórias e vivências, como acontece no próprio Café com Memórias. No decorrer do ano de 2015 e início de 2016, o Museu mobilizou atividades envolvendo a temática Água, Memória e Vida realizadas no escopo da 14ª Semana de Museus. O lugar da ação foi o antigo poço de captação de água da Cidade, situado à Praça da Emancipação, primeiro núcleo urbano do Município. A paisagem onde se localiza o poço tornou-se cenário de um diagnóstico ambiental e espaço para reflexão sobre os usos culturais da água no passado. Nessa ocasião, foi promovido um encontro entre os jovens estudantes locais e os idosos que colaboram com o Museu e que passaram a narrar, na própria praça, como o primeiro poço de captação de água fora construído pelos próprios moradores para captar e acondicionar água potável, disponibilizada à população. Informaram, também, que muitas lavadeiras exerciam seu ofício nesse local retirando água com baldes e

utilizando gamelas para lavar roupas. Para encurtar essa longa história, pode-se dizer que, a partir de uma simples gamela e da escuta minuciosa sobre esse artefato, desvela-se um novelo cujos nexos compõem memórias, pessoas e território, mediados por esse objeto aparentemente banal. Atravessam-se, nesse novelo, dimensões da vida vivida no território para além da legislação ambiental, as paisagens pretéritas, as pessoas emblemáticas para a cidade, os processos de musealização, as memórias afetivas e outros vários elementos que constituem as patrimonialidades de uma cidade. E mais: essas trajetórias não cessaram ainda; a gamela continua participando de atividades no Museu e, portanto, a cada olhar, uma nova gamela se projeta no invisível.

A partir desse exemplo, conseguimos vislumbrar um esgarçamento operacional da categoria de patrimônio. De um patrimônio focado na concretude das substâncias – a concha, o tacho, a gamela – à sua imagem e projeção, ou seja, toda a potência subjetiva e imaginativa que se revela a partir desses referenciais. Não à toa, o antropólogo Jean Louis Tornatore (2009, p. 13) afirma que “considerar o patrimônio como vestígio, não é mais do que cumprir a metade do caminho. É preciso seguir na via da imaginação: sem imaginação, não há patrimônio”. Assim, antes de afirmar o que é patrimônio, de forma imperativa, seria mais provocativo indagar, para as pessoas que vivem a dramaturgia do cotidiano, no próprio território, o que este poderia vir a ser.

A abertura do patrimônio para as suas potências de significados, como na metáfora da Caixa de Pandora, possibilita confrontá-lo dentro de uma determinada realidade temporal e culturalmente circunscrita. Por óbvio, ao fazê-lo, ao colocar o patrimônio em um campo de imprecisões e de ambiguidades – visto que, como em qualquer imagem, sua projeção dependerá de um observador – essas referências se apresentam pouco pacíficas ou passivas em nossas relações sociais. Ao contrário da pretensa tranquilidade, descortina-se uma série de problemas a serem encarados, pensados ou mitigados. São problemas de toda ordem: social, econômico, ambiental, humano, ancestral. Contudo, no fundo da caixa, repousa a esperança de Pandora: a estima de que o

patrimônio sirva para finalidades muito práticas, como um patrimônio para viver melhor (PRATS, 2005), um patrimônio para fins vitais (CHOAY, 2006). Por outros termos, os processos patrimoniais, atualmente, pendulam para as experiências mais humanas em contraposição à ideia embolorada de patrimônio como excepcionalidade, dogmatismo e raridade.

Pensar o patrimônio na ponta do novelo traduz, também, uma determinada performance justamente pela sua capacidade constituidora de identidades sociais. Afinal, a partir desses processos, encenam-se sociabilidades e encontros. Nesse palco, compreendido como o próprio território onde são performadas essas relações, o patrimônio se torna uma experiência narrada, vivida, imaginada e clicada pelas próprias comunidades; não como expectadoras, mas como protagonistas de suas memórias sociais e dos seus referenciais de patrimônio. Há, nesse movimento, uma sentença afirmativa, quase cartesiana: “eu existo como sujeito na relação com essas coisas”. Ao deslocar o patrimônio da noção clássica de substância, em toda sua concretude, para as experiências comunitárias, coloca-se em análise que o “patrimônio é hoje mais uma questão de afeto do que intelecto” (TOURGEON, 2014, p. 69). Exatamente em razão desse esgarçamento da categoria, e por sua potencialidade afetiva e emotiva, é possível pensar o patrimônio não como o espírito do Estado, mas como um estado de espírito.

Ao tramar o patrimônio cultural na ponta do novelo, criam-se fios vitais com o território, com o espaço vivido (VARINE, 2013). Os novelos – e seria melhor dizer as memórias –, quando provocados de maneira colaborativa e solidária com a população, revelam tessituras heterogêneas, que enlaçam tempos, culturas e expectativas de futuro. Mais do que meras formalidades administrativas e jurídicas, desvelam-se patrimônios em que sujeitos, identidades e memórias são tecidos juntos, em comunhão. Halbwachs (1990) compreende a memória como fenômeno social, pois o sujeito nunca está sozinho. A constituição do indivíduo só pode ser compreendida a partir de um prisma necessariamente relacional, no interior dos quadros sociais da memória, como a família,

a igreja, o lazer e o trabalho – que necessariamente se entremeiam na topografia social do território. Convocar os jovens trabalhadores rurais, a exemplo da comunidade de Morro Redondo, para gerar imagens do patrimônio, oferece uma perspectiva bastante fidedigna dessa relação matricial entre memória, patrimônio, território e sujeitos.

A heterogeneidade do novo alude a um patrimônio como categoria fronteiriça, camaleônica e ambígua. Assim, as referências patrimoniais não devem ser compreendidas como um substrato imutável, pois podem assumir diferentes formas e imagens quando em contraste com diferentes sociedades e culturas. Indagar de forma criteriosa e atenta o que é o patrimônio, ou a imagem do patrimônio em um território, demanda sempre observá-lo em perspectiva, em situação, considerando uma pergunta anterior: de que patrimônio estamos a nos referir? Certamente, a resposta dependerá de um referencial, ou seja, dependerá para quem você pergunta. O campo patrimonial, historicamente, endereçou essa indagação aos entendidos. Conforme orienta Hugues de Varine (2013, p. 32): “para os poderes e para os experts da política cultural e ambiental, em quase todos os países, o patrimônio é, antes de tudo, constituído de sítios, monumentos e coleções de natureza e de valor excepcionais [...]”. Se a mesma pergunta for endereçada aos cidadãos comuns, por outro lado, possivelmente as respostas serão outras – mas, para isso se revelar, demanda-se escuta acurada e cuidadosa. Não raro, nesses cliques ou nas imagens do patrimônio, quando operados pelos locais, multiplicam-se as (aparentes) frugalidades do cotidiano. Contudo, orbitam nessas banalidades culturas vivas, potentes cargas afetivas, objetos biográficos e afetivos que servem como moldura social pela qual as pessoas se situam no presente. Cortados dessas correntes, desses novos, desses fios vitais, os patrimônios rapidamente caem mortos, pois não se sustentam mais na vida pulsante das comunidades.

Recentemente, a equipe do Museu de Morro Redondo participou de uma atividade sobre a semana dos idosos, na própria cidade, em que foi realizada mais uma edição do Café com Memórias. Nessa ocasião, a audiência era formada por jovens estudantes e seus

avós. Propus-lhes uma alegoria para estimulá-los a pensar sobre as ações que faríamos na sequência. Eis a alegoria: “imaginem, por alguma razão, que a cidade de Morro Redondo tivesse que ser totalmente esvaziada, sem sequer uma pessoa perambulando pelas ruas ou mesmo dentro de suas casas; imaginem que eu, em contrapartida, estivesse percorrendo essa cidade esvaziada e perguntasse: o que é ser e viver em Morro Redondo? Quais são as patrimonialidades da cidade?” Decerto, ao transitar pelas ruas, eu, como forasteiro imaginário, teria alguns bons indícios. Ao verificar o cemitério, poderia ter uma visão, mesmo que impressionista, sobre quem são os mortos, com que idade morreram e, pela magnitude das estruturas funerárias, até mesmo identificar as pessoas de elite naquela necrópole – as formas de morrer são um bom sinal sobre como se comportam os vivos. As igrejas de múltiplas crenças, do mesmo modo, levariam a inferir sobre a diversidade religiosa. Todavia, a pergunta constrangedora ainda permaneceria: quem são as pessoas que habitam a cidade e como elas se comportam? O simples transitar pela cidade ofereceria boas respostas? Após o exercício ficcional, quase que de forma unânime, as pessoas responderam: “ora, para você ter boas respostas, é preciso conversar com os habitantes da cidade”.

Assim, parece, de forma bastante clara, que as patrimonialidades da cidade emergem das próprias pessoas. São elas que oferecem a sua composição quando operam uma relação subjetiva e seminal com as coisas que compartilham com elas o mesmo território. As ruas, o cemitério, a praça, uma casa anônima mediam estratigrafias de memórias que os olhos, bem calibrados e atentos, tratam de ver. A vitalidade de um território é, portanto, um compósito de materialidades e imaterialidades, corpo e alma. Como se pode ver na Carta de Québec, que dispõe sobre o espírito do lugar, a composição do patrimônio abarcaria “elementos tangíveis (sítios, edifícios, paisagens, rotas, objetos), bem como os intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, festivais, comemorações, rituais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) e que todos dão uma contribuição importante para formar o lugar e lhe conferir um espírito” (ICOMOS, 2008, p. 2).

O mero inventário dessas patrimonialidades, contudo, não esgota toda sua potência, seu vir a ser. É preciso manter essas patrimonialidades vivas, pulsando no território, mesmo porque “elas morrem muito depressa quando são apropriadas e codificadas por especialistas externos à população” (VARINE, 2013, p. 19). Manter o patrimônio vivo exige um intenso trabalho memorial, conjugado com um esforço contínuo para a sua transmissão e aderência social, pois, como alerta Gonçalves (2007, p. 214-215), “[...] um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência do Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberadora de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’ junto a seu público”. Tal ressonância pode ser traduzida como os efeitos e os afetos gerados pelas ações patrimoniais, que são potencializados por intermédio da comunicação interativa e atuação colaborativa entre os agentes do patrimônio (as pessoas comuns) e as agências do Estado, como a própria universidade.

A ação denominada “Fotografeando: jovens trabalhadores rurais”, que consubstancia a exposição fotográfica da Galeria 3D, do Museu GIPC, é um caminho precioso para a provocação da composição do patrimônio de Morro Redondo. Ao instigar que jovens trabalhadores rurais cliquem e registrem a imagem do patrimônio da cidade – não o consagrado, mas o vivido – faz-se emergir um novo regime de patrimônio, o denominado patrimônio comum ou ordinário, manifestado pelas pessoas de carne e osso que experimentam o cotidiano da cidade. Ao gerar esses registros, esses jovens percebem que eles próprios são o patrimônio em questão sempre que essas referências são captadas por uma episteme nativa de patrimônio. Se essa premissa for válida, podemos retornar ao ponto de partida deste ensaio: a composição do patrimônio traduz-se em uma construção essencialmente simbólica, atravessada por afetos e pelo substrato de cada cultura. Ao desvelar esse novelo, pelo olhar dos jovens trabalhadores, percebe-se que o patrimônio na ponta do novelo é, antes de tudo, uma imagem, uma determinada imagem em ação.

Referências

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2006.

GONÇALVES, J. R. S. Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

ICOMOS. Declaração de Québec: sobre a preservação do “Spiritu loci”: assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Paris: Icomos, 2008.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes antropológicos, n.18, vol.37, p. 25-44, 2012.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Org.). A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 89-123.

MELO NETO, João Cabral de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. Cuadernos de Antropología Social No 21, pp. 17-35, 2005.

TORTANORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. Revista Memória em Rede. Pelotas, v. 1, n. 1, p. 1-15, dez. 2009.

TOURGEON, Laurier. Do material ao imaterial: novos desafios, novas questões. Geosaberes. Fortaleza: UFC, v.5, número especial, dez.2014, p. 67-79.

VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento social. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, p. 89-103, 1998.

Heritage at the end of the skein

In this article, I analyze the category of cultural heritage. However, I do not do it from an administrative or legal point of view, but through a particularly poetic and affective look. I propose that by challenging heritage through this approach, by looking at it from the edge of a skein, a constellation of images, memories, and emotions is revealed. In addition, it is perceived that this category needs to be challenged, questioned, and socially revitalized. Therefore, through experiences and actions developed in the scope of the Historic Museum of Morro Redondo, I intend a certain dislocation of the heritage category from the concrete substance to the dramaturgy of life in the territories, from fixity to fluidity, from facts to affections, from the spirit of the State to state of the spirit.

Diego Lemos Ribeiro
dlrmuseologo@yahoo.com.br

Coordenador do Polo Morro Redondo da Cátedra UNESCO–IPT de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território no Polo Morro Redondo/RS. Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (MAE-USP), mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense, em parceria com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT-UFF) e graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É professor da Universidade Federal de Pelotas desde 2008, onde atua como professor do Curso de Museologia, e docente efetivo do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, na mesma Universidade. Desenvolve pesquisa na área de museologia, com enfoque nos processos de musealização do patrimônio arqueológico. Atualmente desenvolve trabalhos e orienta pesquisas na área de gestão e comunicação em museus, notadamente de acervos arqueológicos e etnográficos.



I A EXPERIÊNCIA DE OLHAR

Fundamentos da linguagem fotográfica: desenvolvendo o olhar fotográfico

Kátia Helena Rodrigues Dias

Desde o surgimento da fotografia na segunda metade do século XIX, gradativamente ela se tornou um importante meio de expressão, informação e comunicação. Partindo do pressuposto de que a comunicação ocorre por meio da linguagem e essa é constituída por uma série de elementos concatenados cujo objetivo é transmitir uma mensagem a uma pessoa ou grupo, a fotografia é, portanto, considerada uma linguagem denominada – linguagem visual.

A linguagem é a capacidade que os seres humanos têm em comunicar suas ideias, sentimentos, visão de mundo por meio de uma série de códigos e elementos que a constituem. A produção da linguagem ocorre por meio de instrumentos e técnicas capazes produzir conteúdo visual e informativo. No caso da fotografia por meio do uso da luz e câmera fotográfica. A abordagem aqui desenvolvida está centrada na linguagem fotográfica e para isso significa conhecer os elementos que a compõem. Nas linhas a seguir serão apresentados os elementos constitutivos da imagem fotográfica: luz, planos, foco, ângulo, cor, movimento, textura e perspectiva.

Luz

O primeiro aspecto a considerar quando pensamos em luz é saber de qual fonte ela se origina. A luz pode ser proveniente de uma fonte natural, tal como a luz do sol ou do fogo ou de uma fonte artificial, tais como as das lâmpadas. Entre as suas propriedades a luz pode ter diferentes temperaturas de cor, que varia entre as cores quentes e frias. E a depender do tipo de temperatura de cor, a luz pode causar sensações distintas, tais como alegria, calor, vivacidade ou o seu oposto. Ainda sobre a luz, outro ponto a destacar é a sua direção em relação ao objeto fotografado e isso está diretamente ligado à sombra projetada. Sombra é ausência de luz e, portanto, as áreas sombreadas em uma fotografia são áreas que receberam menor quantidade de luz ou nenhuma. Isso posto passamos para a seguinte característica da luz, a sua qualidade que pode ser dura ou suave. A luz dura incide de forma direta sobre o assunto fotografado. É uma luz direcionada, resultando em zonas de sombras bem demarcadas e com maior contraste entre zonas claras e escuras. Já a luz suave incide de forma indireta

sobre o assunto fotografado, ou seja, há algum obstáculo que desvia e/ou filtra a luz, ocasionando uma luz mais difusa e resultando em zonas com sombras atenuadas.

Planos

Referem-se ao enquadramento dado pelo fotógrafo e é definido de acordo com o que se quer evidenciar na cena. Os planos utilizados na linguagem fotográfica são as gradações relativas ao ângulo de visão da objetiva e/ou da própria proximidade da câmera em relação ao assunto retratado. Os planos mais utilizados na fotografia são o plano geral, plano médio, primeiro plano e detalhe. O Plano Geral com um ângulo de visão mais aberto, compreende uma maior amplitude da cena retratada, considerando o ambiente em relação por exemplo, ao assunto principal. Enquanto o Primeiro Plano e o Plano Detalhe, priorizam ângulos de visão mais fechados, que delimitam no retângulo fotográfico uma parte específica do objeto, pessoa ou cena retratada.

Foco

O foco está relacionado a nitidez da imagem fotográfica. É um mecanismo de controle que tem como principal funcionalidade ajustar o foco dentro dos limites do retângulo fotográfico. Esse ajuste pode acontecer em toda área da fotografia ou em determinados pontos de acordo com a intenção do fotógrafo. Em outras palavras, o ajuste de foco permite controlar quais os elementos da imagem fotográfica ficarão nítidos e quais desfocados. Esse ajuste é conhecido como foco seletivo, e ele serve para ressaltar um determinado objeto da cena retratada.

Ângulo

Refere-se ao posicionamento da câmera em relação a cena retratada. O mais comum é o ângulo frontal, obtido quando a câmera está posicionada na mesma altura e à frente do objeto ou sujeito a ser fotografado. Entretanto há outras variações de ângulos possíveis de serem obtidos pela simples movimentação da câmera. Por exemplo, em uma determinada cena, ao

posicionar a câmera de “baixo para cima” ou de “cima para baixo” o efeito visual é outro e impacta o espectador de modo diferente. Portanto, o fotógrafo ao mudar a altura e inclinação da câmera sobre o mesmo assunto terá obviamente resultado diferente.

Cor

Elas podem ser classificadas em dois tipos: quentes e frias. E de acordo com tipo de cor predominante na fotografia, ela transmite uma sensação diferente. As cores quentes, englobam o vermelho, laranja, amarelo e tendem transmitir uma sensação de alegria, otimismo, criatividade e descontração. As cores frias, englobam o verde, azul e violeta e tendem a passar uma sensação de calma, suavidade, frescor, serenidade. As cores quentes são mais utilizadas para representar momentos de descontração e as cores frias são mais utilizadas para representar momentos de concentração ou seriedade.

Movimento

Em fotografia o movimento trata-se da sugestão de que o objeto ou sujeito retratados estão se deslocando de um ponto a outro e isso pode ser em maior ou menor grau de elasticidade. Em outras palavras, o movimento é a impressão de que há movimento ou não na cena retratada. A captação do movimento pode ter efeito congelado ou borrado. Essa é uma escolha estética que o fotógrafo deve fazer ao fotografar por exemplo, alguns tipos de esportes, dança, pássaros voando ou crianças correndo. Não existe um certo ou errado, tudo depende do efeito desejado.

Textura

É a impressão visual de uma imagem fotográfica, a qual propicia ao seu observador sensações tácteis, tais como aspereza, maciez, rugosidade, lisura. Essa qualidade da fotografia configura uma impressão do mundo real a fotografia. E ela pode ser, por exemplo, uma forma que revela reentrâncias e saliências de uma superfície, tal como uma casca

rugosa de uma laranja, tinta descascada, metal enferrujado, pele enrugada etc. Uma maneira de destacá-las é contrastar texturas distintas em uma mesma fotografia.

Perspectiva

Sua principal característica é causar uma impressão óptica na fotografia em relação ao espaço ou um objeto tridimensional do mundo real. Esse efeito pode ser obtido através do uso de linhas imaginárias que convergem a um ponto da imagem com o propósito de guiar o olhar do observador ao elemento principal da fotografia. Essas linhas podem ser retas - horizontais, verticais, diagonais - ou curvas e auxiliam também na profundidade de campo – efeito óptico que pode aumentar ou diminuir a distância entre os planos de uma fotografia. Por exemplo, uma pessoa ou objeto situados no primeiro plano, com o uso da perspectiva devem aparecer maiores do que uma outra pessoa ou objeto no plano de fundo, ou seja, o que está mais distante da objetiva tende a parecer menor de que o que está mais próximo a câmera.

A conjunção dos elementos constitutivos da linguagem fotográfica acima descritos, sua soma e distribuição dentro da área delimitada - dispostos no retângulo fotográfico - constituem a base de formação da imagem fotográfica e configura o arranjo visual e composição dada por um fotógrafo a sua fotografia. Embasados nesses conceitos, o fotógrafo, utiliza a sua visão de mundo, sua subjetividade e criatividade para pensar como determinada cena, assunto, objeto ou pessoa pode ser representada visualmente por meio dos recursos fotográficos. Entre suas escolhas, o fotógrafo, determina como trabalhar e evidenciar em maior ou menor graus esses elementos para expressar e comunicar a mensagem desejada.

*Fundamentals of photographic language:
developing the photographic gaze*

This article deals with the photographic language, highlighting its specificities as visual language and constitutive elements. In addition, it presents how the subjectivity of each look can compose the image within the delimitation of the photographic rectangle.

Kátia Helena Rodrigues Dias
dias.k.helena@gmail.com

Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural, graduada em Artes Visuais, todos cursados na Universidade Federal de Pelotas. Estágio doutoral na Universidade de Buenos Aires (2017), pelo Programa Centro Associados para o Fortalecimento da Pós-graduação Brasil-Argentina. Fotógrafa da Coordenação de Comunicação Social da Universidade Federal de Pelotas (desde 2013), onde atua nos segmentos de ensino, pesquisa e extensão e no gerenciamento do arquivo fotográfico da instituição. Fotógrafa da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande (2012). Experiência em Artes Visuais, Design Gráfico e Design Digital. Dedicar-se ao estudo de fotografia e memória.

A selfie nossa de cada dia

José Franco Arispe Rodríguez

Pode uma selfie ser artística? É urgente e necessário fazer perguntas dada a prática fotográfica no mundo lotado de imagens de autorretratos que se produzem todos os dias. As redes sociais exibem autorretratos (selfies) de usuários de diversos lugares da internet. Essas ferramentas digitais democratizaram os processos de difusão de fotos e o uso da fotografia se tornou em um registro diário e espelho superficial das pessoas. Mas, pode a fotografia se emancipar desse uso banal?

Desde o invento da fotografia, os primeiros experimentos se constituíam em fazer fotos dos mesmos inventores que mexiam nas máquinas com espelhos que tentavam reproduzir uma imagem. O autorretrato foi necessário para esses testes, e os inventores viraram modelos obrigatoriamente. Podemos imaginar Robert Cornelius (o primeiro homem que fez um autorretrato, 1838) parado em frente à caixa escura, deixando entrar a luz pelo pequeno furo que desenhava na placa de platina a sua própria figura. O tempo que ele teve que ficar parado e quieto foi aproximadamente cinco minutos.

No primeiro momento da fotografia, os processos para ter a imagem final no papel demoravam muitas horas, até dias. Diferente de hoje, onde a fotografia se produz digitalmente em segundos. No século XIX, onde as artes plásticas eram os únicos meios para retratar rostos ou pessoas e pela dificuldade manual que levava o ofício da pintura, o tempo do resultado final era maior. Então, o invento da fotografia revolucionou a produção de imagens na velocidade de criação e, não apenas isso, mas também no realismo da imagem. A fotografia é um registro com espelhos da realidade, através de processos físicos e químicos cria uma imagem fiel, mais verídica que a pintura. Mas, além da discussão sobre o realismo na pintura ou fotografia, outras perguntas são importantes agora.

Por que fazemos autorretratos?

A quantidade de selfies nas redes sociais é maior a cada dia. Podemos saber as motivações das pessoas na hora de fazer selfies? O ato de fotografar hoje é tão espontâneo. No século XIX, fazer uma fotografia de retrato era todo um evento. Esse acontecimento dava tempo às pessoas para pensar na produção da fotografia, como o vestuário e o cenário. O fotógrafo chegava na casa familiar com uma caixa grande e um tripé. A família se arrumava com dias de antecipação e essa atividade tinha uma energia ritual. O tempo de preparação era trabalhado para que a fotografia fosse um objeto para a posteridade. O fotógrafo e os sujeitos retratados tinham consciência que iam criar juntos uma imagem que carregaria muito afeto. Atualmente o ato de fotografar é mais rápido e não existe mais a emoção de preparação na construção de imagens que carregam afetos.

A democratização da fotografia deu maiores oportunidades a mais pessoas para criar imagens, mas como evitar ter resultados superficiais no conteúdo da fotografia? Na hora de fazer uma fotografia devemos pensar na polaridade dela. Por um lado, existem

aspectos técnicos e, por outro, aspectos de conteúdo. Neste artigo, o que nos interessa é o segundo, mas, vamos desenvolver em que consistem para diferenciá-los.

A qualidade técnica se refere a todas as ferramentas que vão ser parte do processo da criação da imagem próprias do objeto fotográfico. Para conseguir uma imagem a partir desta qualidade precisamos conhecer a máquina e seus funcionamentos, por exemplo, os tipos de lentes, os números do diafragma, velocidade, profundidade de campo, contrastes, cores, etc. É uma educação baseada em conhecimentos técnicos e úteis ao desenvolvimento tecnológico da fotografia. Na História da Arte, a cronologia das melhoras técnicas da fotografia são impressionantes. Cada ano as grandes marcas que fabricam câmeras expõem ao mercado numerosas quantidades de novos aparatos ou acessórios para conseguir registros fotográficos mais fiéis em menor tempo.

Por outro lado, a qualidade de conteúdo é mais complexa. Quando vamos utilizar uma linguagem artística, seja música, literatura, ou nosso caso particular, a fotografia, é necessário fazer-nos a pergunta: ‘o que quero dizer?’ Podemos conhecer todos os elementos técnicos fotográficos, podemos ter as câmeras mais novas do mercado, mas se não temos o que dizer, um tema que mostrar, não temos nada. O desenvolvimento da criação do conteúdo na fotografia é o mais importante.

Hoje, a indústria cultural tem contaminado a palavra “conteúdo”, já que agora existem nas redes sócias “influencers” ou pessoas que se dedicam a criar conteúdo para esses canais. Mas as pessoas que se dedicam a criar conteúdo nas redes sócias só criam a partir dos desejos do mercado. As motivações destes criadores são comerciais. O que podemos aprender dos artistas na hora de utilizar a fotografia?

Para que nossa fotografia seja considerada artística, ela deve ir no caminho do autoquestionamento e crítica. A arte é uma atividade refletiva que se resume em fazer perguntas. Para nosso processo de criação de um autorretrato ou selfie a primeira

pergunta que podemos fazer é ‘quem sou eu’? Uma questão própria da filosofia a qual nos vai guiar na produção de uma foto. Todo ser humano possui um irremediável desejo interno de querer-se conhecer. No percurso da vida tentamos construir nossa identidade a partir de modelos de nosso círculo social. Nesse caminho, formamos uma imagem própria de nós (CID PRIEGO, 1985). Graças à fotografia podemos obter a imagem em papel ou formato digital. Mas, as selfies que tiramos diariamente, refletem aspectos únicos de nós? Ou só tiramos fotos que mostram as faces mais externas de quem somos? A fotografia artística vai além de fazer fotografias rápidas e superficiais para mostrar as faces internas e mais íntimas. O objetivo do olhar artístico é abordar o retrato da nossa essência.

Então, o autorretrato fotográfico pode mostrar diversas nuances; o professor Carlos Cid Priego, professor emérito da Universidade de Oviedo (Espanha), enumera as modulações do autorretrato em cinco matizes: ostentação ao narcisismo, afirmação da personalidade, relações com os outros, aspirações sociais e satisfação em fantasias que não seriam possíveis ou admissíveis na realidade. A curiosidade pelo próprio corpo e por nossa psicologia se manterá por toda a vida e as representaremos com esses matizes. As motivações podem ser únicas ou múltiplas, os desejos de fazer autorretratos podem ser misturados, mas nos acompanharão a vida toda. Esses são os motivos pelos quais as redes sociais estão lotadas hoje. Milhões de selfies que, no fundo, expressam um ou várias nuances dessas necessidades.

Mas, na hora de fazer selfies dedicamos tempo a pensar em nós? A fotografia se tornou em objeto fetiche de registro simples. A selfie pode ser artística, mas a arte não está em toda selfie. Precisamos meditar profundamente na pergunta inicial da selfie. ‘O quem realmente sou?’ Podemos mergulhar nessa pergunta por horas, e isso é o exercício do artista, tentar responder às perguntas mais difíceis. Portanto, a fotografia artística do autorretrato é um trabalho intelectual, refletivo e criativo. A arte nos leva a praticar o pensamento crítico a partir de nos colocar um espelho à nossa frente, e é essa a sua característica principal.

Finalmente, se a prática da fotografia artística é feita diariamente, conseguiremos melhores resultados criativos, pois crescemos tanto em conhecimento técnico quanto em prática a partir do uso das câmeras e suas ferramentas. Aliás, podemos mexer com a arte sob aspectos do conteúdo para criar fotografias que questionem a realidade, ameacem o olhar superficial e ativem o pensamento crítico.

Referências

CID PRIEGO, Carlos. Algunas reflexiones sobre el Autorretrato. Liño: Revista Anual de Historia del Arte, Universidad de Oviedo, España, n.5, p.177-204, 1985.

HELENA E ÁNXEL. (20 de março 2014) Robert Cornelius, el hombre que hace 175 años hizo el primer “selfie”. Consultado en: <www.blogs.20minutos.es>. 25 out.2022

Our daily selfie

Nowadays, photography is an easily accessible language due to its democratization. With mobile phone cameras, we can create images all the time. Self-portraits, or also called “selfies” are spreading day by day on social networks. But can a selfie be artistic? We intend to reflect on the photographic processes in the construction of content, which will give uniqueness to our photographs. Besides the knowledge of photographic technique, we will develop philosophical concepts for the elaboration of artistic self-portraits. We must learn to ask questions because art is a constant path of self-questioning. Cid Priego’s concepts about the various objectives when making self-portraits and their implications will be addressed.

José Franco Arispe Rodríguez
josearispe@id.uff.br

Professor de Filosofia da Arte Contemporânea e História da Bolívia. Artista visual, fotógrafo, dançarino e cineasta. Doutorando em Estudos Contemporâneos de Artes na Universidade Federal Fluminense. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Foi curador do Museu Nacional de Arte na Bolívia coordenando projetos de Arte jovem, cultura afroboliviana e mostras de arte contemporânea. Conta com diversas exposições coletivas nacionais e internacionais, foi finalista do concurso Curate Award com a exposição “Sin Sección” (2017). Vencedor do prêmio de Arte Jovem EXPRESSATE (2012) em La Paz e um ano depois, vencedor do prêmio em fotografia do Instituto Ítalo Latino-americano, expondo no Museu de Arte Contemporânea de Roma. Em 2015 foi um dos vencedores do Bolivian Emerging Artist Award em Londres.

“Professora, eu acho que minha avó é um tesouro vivo desses!”

Trabalho realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior – Bra-
sil (CAPES) – Código de Financia-
mento 001.

Giane Trovo Belmonte

O território, a juventude e a tradição.

Tranquila e hospitaleira, Morro Redondo (MR) tem 60% da população residente na área rural e sua base econômica voltada para agricultura familiar. Recentemente, vem investindo no turismo rural e cultural.

Entretanto, motivos como o envelhecimento da população e o desinteresse do jovem por suas raízes e permanência na área rural são preocupantes perante a esse cenário. Diante disso, o processo sucessório hereditário na agricultura familiar, segundo Costa (2006), é uma temática que vem apontando transformações que poderão comprometer o futuro da propriedade e dos membros da família. “O êxodo rural acentuado dos jovens, associado ao envelhecimento da população, e a baixa escolaridade, levantam a discussão dos aspectos relativos à questão sucessória no campo” (COSTA, 2006, p. 20).

Dignificar a permanência dos jovens na propriedade familiar através de movimentos educativos é um caminho que deve ser delineado para a divulgação e identificação da

1. Instrumento metodológico desenvolvido para identificação de bens culturais imateriais e materiais. Mais informações: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf>.

cultura local e regional, inclusive do bem cultural reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, ditos Bens Registrados. Esses bens devem ter sua salvaguarda garantida por diretrizes previstas no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). As indicações incluem várias ações, entre elas atuações que promovam atividades educativas em segmentos sociais (IPHAN, 2017) como as instituições de ensino, públicas e privadas, mencionadas e sugeridas no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)¹ da tradição doceira da Antiga Pelotas.

Assim como os artigos 215 e 216 da Constituição Federal asseguram que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) sugere ações pedagógicas que envolvam a preparação de conteúdos sobre a importância dos bens culturais registrados. Entre elas, palestras com o objetivo de sensibilizar para a importância de salvaguarda com conhecimentos sobre os patrimônios Culturais do Brasil (IPHAN, 2017).

O Ministério da Educação e Cultura no Brasil é responsável pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa é uma política pública brasileira que define os direitos de aprendizagem e determina os conhecimentos e as habilidades essenciais que todos os alunos e alunas do Brasil têm o direito de aprender — independentemente da região, raça ou classe socioeconômica. Uma das habilidades prevista na BNCC é “Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados” (BRASIL, 2018, p. 411).

2. Projeto de extensão multidisciplinar, de apoio ao Polo Morro Redondo da cátedra Unesco-IPT Humanidades e Gestão Cultural Integrada do território.

O projeto “Jovens trabalhadores rurais”, vinculado à Galeria Virtual da Gestão Integrada do Patrimônio Cultural (GIPC)², tem por objetivo organizar uma exposição virtual de fotografias a partir de registros realizados pelos estudantes. Estes, com idade acima de onze anos, matriculados na rede municipal de ensino de MR. O convite para essa

comunicação me deu ensejo para relacionar o tema do projeto e todas as riquezas existentes do município com os patrimônios materiais e imateriais reconhecidos pelo IPHAN. A ideia foi provocar a curiosidade e estimular a criatividade em busca dos registros que melhor representarão, através de seus olhares, a cidade.

O programa propôs apresentações de quatro seminários por videoconferência, através de aplicativo on-line, para um grupo de alunos no auditório da escola. Momento este que me faz extremamente feliz, pois estar no espaço escolar, falando com jovens sobre a importância da tradição da cidade que sempre me acolheu, se somam ao êxtase de poder demonstrar-lhes o quanto são importantes na preservação, manutenção e continuidade de suas raízes. Por estar próxima à cidade, defini que minha fala, portanto, se daria presencialmente. E falar de maneira que prenda a atenção de uma turma de adolescentes sentados, enfileirados, dentro de uma sala, contudo, não é tarefa fácil. É desafiador. No entanto, o que me atrai é o que me desafia!

Minha fala, simples e direta, próxima à cultura dos alunos vem de encontro à manutenção e preservação da tradição doceira. Entre elas, a distância dos mais jovens das tradições culturais; o entendimento sobre Patrimônio Cultural Material (PCM) e Patrimônio Cultural Imaterial (PCI); a importância desses bens culturais para a identidade da população e, a partir dessas informações, como poderiam representar, através de registros fotográficos, a sua cidade.

Com a ideia de tornar os alunos aprendizes ativos (FREIRE, 2011), iniciei interagindo com a turma sobre o motivo e a importância de estarem participando do projeto, como os assuntos abordados anteriormente os ajudariam na prática, na dimensão esperada e o caminho que poderiam percorrer para participarem da galeria virtual através de seus olhares sobre MR.

A cada slide e com o auxílio de imagens, encorajava-os a falarem sobre o bem mostrado e estimulava-os a lembrarem-se de algo na cidade, em suas casas que poderiam servir-

lhes de objeto de registro. Logo, ao partilharem seus conhecimentos, estariam inseridos no contexto, visto que a educação, para Freire (2011), é o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana.

Com uma caixa de doces cristalizados produzidos no MR, discorri sobre a categoria “saberes”, seu registro e a posição que MR ocupa nessa definição. Falei sobre o processo de patrimonialização, enfatizando o conceito e a importância do inventário no reconhecimento do bem, sobre a responsabilidade da salvaguarda e a importância das memórias e das novas gerações em todo processo. A cada fator elencado, relacionava com suas vivências, suas realidades.

Destaquei a importância de valorizar aqueles que detêm o saber-fazer, que têm relação direta com a realização ou produção do bem cultural, os chamados Tesouro Humano Vivo (THV). São eles que possuem o conhecimento a ser transmitido para os mais jovens. Lembrei-os de que a tradição, assim como as pessoas, deve se manter viva porque ela é plural, tem várias formas e está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar.

Após elencar vários lugares e situações de suas realidades, que podem servir como registro fotográfico, encerrei minha fala ao que uma aluna me procurou e disse que sua avó é um THV — já fazendo-me o convite para ter com sua avó. Um aluno narrou sobre uma construção em pedra e uma santa esculpida em madeira, ambas centenárias em propriedade que mora e pertence à sua família. Outra, revelou estar acompanhando o processo de reconhecimento das Lidas Campeiras, trazidas nos exemplos, como PCI.

Muito mais que um ambiente para formar os jovens para a sociedade, a escola deve ser um espaço de construção e troca de conhecimentos a partir de suas vivências. É possível observar claramente que a relação da cultura com a educação deve ser vista como real,

inerente e profunda. Sendo a escola plural e um ambiente de diversos grupos sociais, é de suma importância que esses atores sejam valorizados e ouvidos, através de atividades e discussões que os envolvam, para que as culturas tradicionais e não tradicionais sejam conhecidas e reconhecidas, de forma que a comunidade conheça a escola e que a escola passe a ensinar a partir da cultura de seus alunos.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

COSTA, Maria Regina Caetano. Agricultura familiar e sucessão hereditária: estudo de caso no município de Morro Redondo, RS. Orientador: Flávio Sacco dos Anjos. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

IPHAN. Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento. /coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. (Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais, 2.) – Brasília: IPHAN, 2017.

“Teacher, I guess my grandmother is one of those living human treasures!”

This is a brief report of the photographing seminar, held in hybrid model, linked to the Virtual Gallery of the Integrated Management of the Cultural Project. It was carried out with students of Morro Redondo municipal school. The presentation entitled Morro Redondo’s territory tradition under youth’s sight had the objective to merge the seminar purpose with the confectionary tradition of the city. This lecture was structured with images of recognized cultural heritage, both material and immaterial, with higher focus on immaterial cultural heritage. Thus, the images were presented to the students, they were encouraged to participate in an educational conversation that addressed mainly living human treasures and safeguard; that is, it was important to highlight the youth in this cultural heritage. Finally, a student’s statement at the end of the seminar is evidenced in the title of this article.

Giane Trovo Belmonte
gicabelmonte@gmail.com

Economista doméstica, pedagoga, especialista em educação especial. Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Licenciada em Ciências Domésticas. Tem especializações em Educação Inclusiva e Arteterapia. Na área administrativa e cultural tem especialização em Liderança, Coaching e Gestão de Pessoas e em Gestão de Eventos com Ênfase Organizacional e Institucional. Atua na área de organização de eventos, treinamento, educação e pesquisa. Participou da pesquisa intitulada Alfabetização em Rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 e da recepção da PNA pelos Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Foi bolsista no PIBID e na Residência Pedagógica do Curso de Pedagogia/FaE/UFPEL/CAPES e atuou como pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação Pública – GIPEP.

Oficina de fotografia digital: Fotografeando Morro Redondo

Ubirajara Buddin Cruz

Para falarmos de fotografia, é importante que se tenha em mente de que fotografar é a técnica de registrar uma imagem através da exposição luminosa em uma superfície fotossensível, seja ela um filme, usado na fotografia analógica, ou em um sensor, que na fotografia digital está presente nas câmeras e, mais recentemente, nos onipresentes smartphones.

Quando olhamos através do visor para registrar uma fotografia, por um instante ínfimo, estamos congelando uma fatia de tempo que ficará para sempre. Como diz Michelin, vai superar a finitude, o que é positivo, mas que, por outro lado, não se esquecerá enquanto houver a fotografia (2008, p. 8).

Naturalmente, o olho de quem vê uma foto, não é o mesmo de quem fotografou. Para quem vê a fotografia, ela está esvaziada do objeto. Para Didi Huberman (apud

DONATEL, 2008, p. 271), “o ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do ‘dom visual’ para se satisfazer unilateralmente com ele”. Para o autor, “Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Entre aquele que olha e aquilo que é olhado” (HUBERMAN, 2008, p. 271).

Ora uma manifestação puramente técnica, ora, artística, a fotografia, acima de tudo, estará sempre associada à memória das pessoas.

Fotografias para a memória

Fotografar, mesmo que inconscientemente, é um registro para a memória. Ao pressionarmos o obturador da câmera, aquele momento e objeto, estarão congelados no tempo. Desde o seu surgimento, a fotografia ampliou as possibilidades de capturar um determinado espaço de tempo e ampliar a sensação de poder dominá-lo. Mesmo sabendo que não poderemos repetir o passado, ou levar o espectador até ele, a expectativa, por meio da fotografia é iludir a inevitabilidade do esquecimento, como nos diz Michelin (2013, p. 59). Ao fotografarmos, estamos perpetuando um momento que não mais se repetirá e é único, daí sua importância como um suporte de memória. Para Sontag, as “fotos nos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto” (2015, p. 16). Quando, num futuro, os jovens de Morro Redondo, mostrarem as fotos que fizeram em um longínquo 2022, ninguém duvidará de que aquele momento realmente existiu. Para seus autores, essas fotos serão sempre de extrema importância, pois registraram para suas memórias afetivas um momento que, para muitos poderá não dizer nada, mas para eles, ao contrário, um tempo de convivência com colegas, amigos e descobertas.



Figura 1. Oficina de fotografia digital na
Escola Alberto Cunha
Fonte: Tatiane dos Santos Cruz, 2022

A oficina de fotografia digital

Convidado para oferecer uma oficina de fotografia para jovens estudantes da escola Alberto Cunha, de Morro Redondo, dia 14 de outubro de 2022 (Fig. 1), que muito provavelmente tem acesso apenas a smartphones, ficava inviável falar sobre técnicas mais avançadas de fotografia, o que tornaria a oficina desinteressante e poderia afastá-los de uma atividade prazerosa e lúdica, que é registrar o dia a dia através da fotografia.

Tratava-se de oferecer a eles mais subsídios de como captar a essência do lugar, os diversos tipos de vistas, acidentes geográficos e imagens do dia a dia, para que as cenas capturadas tivessem um maior impacto visual e que apresentassem uma visão mais variada de seus cotidianos, seus saberes, modos de viver, cultura e a paisagem.

Foram pincelados os princípios básicos da fotografia: abertura, velocidade e sensibilidade, que são conceitos mais técnicos. Através da abertura se controla a intensidade de luz que entra pelo sensor da câmera. O tempo em que a luz incide sobre o sensor é controlado pela velocidade e a sensibilidade é que controla a captação da luz pelo sensor. Logo após, partiu-se para aquilo que poderia realmente chamar mais a atenção e dar subsídios para melhorar o olhar dos estudantes, que é a composição, que assim como em todas as expressões artísticas, consiste na organização e enquadramento do assunto dentro da área fotografada. Foi explicado a importância da disposição dos elementos principal e secundários, bem como, textura, contraste, profundidade de campo, posição dos elementos, plano de enquadramento, entre outros.

Uma das coisas mais importantes na fotografia é o enquadramento, a maneira de organizar os elementos que aparecem no visor, ou na tela. Antes de apertar o obturador, é importante observar bem o que se quer registrar. Verifique a posição, o ângulo, a distância do objeto a ser fotografado. Veja se tudo está da maneira que você quer que saia na foto, senão, mude a posição e tente de novo. Veja se não há alguma coisa que não queira que apareça, mude o ângulo, para só então apertar o obturador. Foi explicado a “regra dos terços”, que permite, de maneira simples, conseguir uma imagem mais harmoniosa.

Durante a oficina houveram muitas intervenções por parte dos estudantes, ávidos por mostrar seus registros fotográficos e muitos querendo saber mais e mais. Muitas fotos do cotidiano de cada aluno foram surgindo, algumas de atividades de trabalho, outras das diversas paisagens locais, fotos de pôr do sol, retratos de familiares e mesmo macrofotografias de flores e insetos. Nesse momento, foi explicado que prestassem atenção em alguns elementos que podem aparecer na composição, às vezes de forma mais óbvia, às vezes mais escondidos. Que testassem o enquadramento vertical e horizontal, a fim de determinar o mais apropriado. Provar uma série de gama de escalas e não deixar de prestar muita atenção ao primeiro plano. Sempre que possível,

fazer algumas fotos com um plano geral e até mesmo panorâmicas.

As fotos mostradas pelos estudantes foram analisadas e comentadas, explicando, delicadamente o que estava bom e o que poderia ser melhorado, tomando sempre o cuidado de não desestimular a prática da fotografia. Em todos os momentos foi estimulado que utilizassem molduras (galhos de árvores, por exemplo), apostassem em reflexos (a paisagem refletida na água, numa janela...), utilizassem as linhas guias (uma estrada, uma cerca...) e sobretudo pensassem nas cores. Muitos, inclusive, instintivamente, já utilizavam alguns desses recursos.

Pequenas dicas, mas que oportunizaram a eles fazerem as fotos que ilustraram a exposição FOTOGRAFEANDO Jovens trabalhadores rurais | educação e patrimônio cultural, lançada no dia 24 de novembro de 2022, de forma física (Fig. 2, 3 e 4) no Centro de Eventos de Morro Redondo e, simultaneamente na Galeria GIPC 3D.

Figura 2 e 3. Montagem da exposição.
Fonte: Ubirajara Buddin Cruz, 2022





Figura 4. Estudantes falando sobre suas fotografias
Fonte: Ubirajara Buddin Cruz, 2022

Referências

- BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- DONATEL, Beatriz d'Agostin. Didi-Huberman e a dialética do visível. Revista Esboço, Florianópolis, n. 17, p. 269-272, 2008.
- FREEMAN, Michael. El ojo delfotógrafo: guía de campo. Barcelona: Blume, 2010.
- MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2017.
- MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira (org.). Fotografia e memória: ensaios. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008.
- MICHELON, Francisca Ferreira et al. Fotografia, memória e patrimônio industrial: o caso do Frigorífico Anglo de Pelotas/RS. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2, 2013, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte, 2013. 14 p.
- SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Workshop of digital photography: Fotografeando Morro Redondo

This article is about a photography workshop for elementary school students, Alberto Cunha, from Morro Redondo, RS. The workshop offered basic concepts of photography and notions of composition and framing, which allowed to build the exhibition "Fotografeando: Jovens Trabalhadores Rurais – Educação e Patrimônio Cultural".

Ubirajara Buddin Cruz
ubirajara.cruz@gmail.com

Bibliotecário da UFPel, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas; especialista em Desenvolvimento e Gerenciamento de Sistemas de Informação em Ciência & Tecnologia e graduado em Biblioteconomia, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande. Membro do comitê editorial e revisor da revista Expressa Extensão, da Universidade Federal de Pelotas. Participa em projetos de pesquisa e extensão do PPGMP. Fotógrafo da Galeria Virtual Morro Redondo: paisagens, disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/exposicoes/>
Instagram: @urban.explorer.project.

Jovens rurais e suas representações sobre o trabalho

Vânia Grim Thies

Foi com muita alegria que recebi o convite para a escrita deste texto para o qual me propuseram abordar um tema que enche nossos corações de esperança: a JUVENTUDE! A proposta foi condicionada também a um adjetivo: RURAL. Assim, tecer reflexões sobre a juventude rural é o desafio que pauta esta escrita. Por que o assunto alegrou tanto? Porque avista a esperança no vindouro, remete ao futuro, porque os jovens e adolescentes permitem que sonhemos com o que ainda não temos concretamente. Sim, é isso! No entanto, a pauta é longa na atual conjuntura que o mundo nos apresenta, e, por isso mesmo, o assunto precisa estar em evidência, tal como cartas na mesa, para reflexão e discussão.

Isto em vista, destaco dois pontos principais para o início da reflexão: o primeiro é o próprio conceito de jovens e de juventude, que denota outros debates possíveis¹. Utilizarei como ponto de apoio a conceituação de Castro (2012), na afirmação de que “juventude é uma categoria social que posiciona aqueles assim identificados em um espaço de subordinação nas relações sociais” (CASTRO, 2012, p. 438). A autora afirma ainda que o conceito é associado a futuro e também à transformação social, entre outras possibilidades, como uma categoria de transição. O conceito de jovem é usado tanto pelo senso comum, como também pelo meio acadêmico e nos espaços políticos

1. Para saber mais sobre esse aspecto ver em: LEÃO, Geraldo. ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (org.). Juventudes do campo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

desde o século XIX, no sentido de uma concepção geracional que contrapunha jovens e velhos ou jovens e adultos (CASTRO, 2012), ou seja; é bastante recorrente quando tratamos de uma fase/faixa etária mais específica e pode ser assim denominado como categoria sociológica, cultural, geracional, entre outras.

Por esse motivo, chego ao segundo ponto: neste artigo, tratarei de forma mais ampla do tema da juventude, e, quando o foco recair sobre os participantes da ação realizada, serão identificados como adolescentes, tendo em vista a faixa etária escolar (anos finais do Ensino Fundamental). No entanto, jamais desconsidere que há muitas facetas quando se trata dos adolescentes em idade escolar, e também entre jovens que já passaram pela escola básica e atuam nas sucessões de produções familiares do município de Morro Redondo (RS) em destaque neste trabalho.

Dito isso, e partindo das motivações para este trabalho, o objetivo deste artigo é problematizar aspectos dos adolescentes rurais descrevendo uma das ações do programa municipal Juventude Rural², que está em desenvolvimento no município de Morro Redondo/RS desde o ano de 2021. Neste ano de 2022, somou forças junto à Gestão Integrada do Patrimônio Cultural (GIPC)³ para outras atividades desenvolvidas no município. Assim, problematizarei as atividades de extensão realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins, na localidade da Capela da Buena, Morro Redondo/RS.

A ação desenvolvida e problematizada aqui, foi realizada na referida escola no segundo semestre de 2022. Iniciou com uma conversa com os professores para verificar as possibilidades de trabalho pedagógico a partir do desejo expresso no Projeto Político da Escola com as discussões da educação do campo e também das interações com as famílias daquela comunidade. Como começar as atividades com os estudantes? Quais as atividades possíveis de serem realizadas? Com quais anos escolares poderiam ser realizadas? Esses, entre tantos outros, foram alguns dos questionamentos que surgiram

2. O Programa Municipal Juventude Rural está sendo pensado sob três vias: a) Valorização do meio rural: nas escolas, com parceria da SMEC e professores; b) Acompanhamento dos jovens em sucessão familiar: acompanhamento e visitas técnicas da Emater, formações específicas com cursos específicos; c) Bolsa juventude rural: lançada pela Secretaria Estadual de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural e direcionado para estudantes do Ensino Médio (2º e 3º) das escolas estaduais e Efas com bolsas de R\$ 200,00. d) Encontros e grupos específicos com jovens.

3. Para maiores informações ver em: <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/o-polo-morroredondo/>

na conversa com as professoras da escola. Para dar suporte às perguntas, pensamos em conjunto: como os adolescentes se veem neste ambiente rural? Quais seus vínculos com o espaço, quais os seus laços de pertencimento junto à família? Como fazer com que os estudantes mostrassem suas identidades? Outros questionamentos mais amplos também permearam e continuam latentes no trabalho pedagógico da escola, tais como: de que forma trabalhar a educação do campo e seus princípios na escola localizada na zona rural?

A conversa seguiu enquanto as professoras auxiliavam com as sugestões e falavam das atividades da localidade: a banda marcial da escola, grupo de mulheres empreendedoras, as atividades das famílias e suas produções agrícolas e/ou pecuárias, os doces coloniais da região e artesanatos. Diante disso, após realizarmos as discussões pertinentes, pensamos que a produção de fotografias seria uma atividade que revelaria muitas possibilidades demonstrativas de como o estudante e sua família se representam no espaço rural. A pergunta disparadora da atividade foi: como eu e minha família somos representados no rural?⁴ E, a partir disso, as professoras das turmas de 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano encaminharam a atividade em sala de aula pedindo que os estudantes fotografassem seus espaços familiares para que em outra data agendada, cada um deles pudesse apresentar e conversar sobre esses aspectos. Na próxima seção, passarei a discutir sobre esta atividade.

4. O conceito de representação está ancorado em Roger Chartier (2002) que permite articular três registros de realidade. Para este artigo, trabalhei com apenas um, qual seja: as “formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecidas” (CHARTIER, 2002, p. 11).

Dificuldades de falar sobre si e sobre sua família

Os adolescentes tiveram dificuldades de falar sobre si e sobre sua família? A resposta para o questionamento é simples e direta: sim! Em data marcada, e com as fotografias em mãos, nos reunimos para ouvir o que os adolescentes tinham a dizer. Entre sorrisos que denotavam o desconforto com a pergunta – como eu e minha família somos representados no rural? – os estudantes expressaram o gosto pelo lugar, o trabalho dos familiares, suas rotinas na casa e na propriedade e os desejos para o futuro naquele contexto (ou fora dele).

Produzir as fotografias foi um exercício simbólico e antropológico de pensar sobre si, sobre sua família, sobre as atividades exercidas e a convivência com os demais moradores da localidade, bem como sobre os espaços de pertencimento no contexto. Acredito que foi uma maneira de se reconhecerem e de afirmarem que são partícipes do contexto rural junto com a família (em alguns casos não), foi também o modo de se autorizarem a perceber essas questões para si, refletindo sobre elas.

Se a ideia de que os adolescentes, nesta fase escolar dos anos finais do Ensino Fundamental, se assemelham nos aspectos físicos, digo das transformações corporais, cognitivas e também nos aspectos emocionais, e nas experiências juvenis vividas, por outro lado, é importante ressaltar que há uma grande diversidade de trabalhos realizados pelas famílias da localidade a qual o trabalho atinge. Considerando isso, o que pensam e o que dizem os adolescentes sobre suas experiências no contexto rural a partir da produção de suas fotografias?

Para refletir acerca do que foi dito, organizei duas grandes categorias: a) o espaço geográfico rural; e b) o trabalho junto às famílias. As falas foram coletadas no dia agendado para a roda de conversa sobre as fotografias e foram registradas em um caderno de campo. Os estudantes que não possuíam a fotografia no momento da roda de conversa, também conversaram sobre o assunto e trouxeram o registro fotográfico para a escola posteriormente.

O rural como espaço geográfico

Nesta categoria, muitas formas de apresentar o rural e a localidade fotografada foram aparecendo durante a conversa, tais como: tem uma beleza exuberante; gosto do lugar; é um lugar bonito; é o lugar que eu gosto de estar para sentar e ficar observando, é um local alto que se vê ao longe (Figura 01); se eu puder escolher, quero morar aqui, entre outras afirmações.



Figura 1. Registro de uma estudante
Fonte: Acervo fotográfico E. M. E. F.
José Pinto Martins.

Esses relatos revelam que, ao ter a oportunidade de falar sobre a localidade que moram, os adolescentes veem o rural como um espaço bonito, uma forma de representação do real, de forma calma e tranquila, “uma forma de estilização da identidade que pretendem ver reconhecidas” (CHARTIER, 2002, p. 11). Mas, será que o rural representa essas características tal como uma oposição à cidade? Não quero, com isso, fazer as oposições entre campo e cidade, mas refletir sobre como estas questões sempre aparecem ao lidar com o rural e que historicamente podem ser associados à Antiguidade Clássica: o rural como calmaria e o urbano como o lugar das luzes.

É preciso afirmar que o oposto às falas citadas acima também apareceu durante as conversas: aqui tudo é mais difícil! Revelando as dificuldades de acesso em relação ao lazer, internet e mídias sociais e/ou outras, tais como alimentação (lanches e restaurantes), bem como vestuário. Nesse sentido, é perceptível que essas relações nas percepções são diferentes para quem está ativamente no

auxílio do trabalho junto à família e para quem não executa o trabalho junto com ela, fato problematizado na próxima seção. Dessa forma, o espaço rural fica restrito ao belo e bonito, características que não podem de maneira alguma serem desprezadas, mas que são limitadas se pensarmos que não são suficientes para pensar o território na totalidade da vida humana.

Problematiza-se, dessa forma, o território camponês a partir das falas nomeadas acima. Segundo Fernandes (2012, p. 744), “o território camponês é uma unidade espacial, mas também é o desdobramento dessa unidade, caracterizada pelo modo de uso desse espaço que chamamos de território, por causa da questão essencial que é a razão de sua existência”. Nesse sentido, o território problematizado pelos estudantes está relacionado apenas no seu sentido de espaço geográfico e não no sentido do território camponês, pois só se “transforma em território camponês quando compreendemos que a relação social que constrói esse espaço é o trabalho familiar, associativo, comunitário, cooperativo, para o qual a reprodução da família e da comunidade é fundamental” (FERNANDES, 2012, p. 744).

É preciso afirmar que essas relações do território apenas na condição espacial estão construídas e permeadas todo o tempo pelas condições capitalistas de produção, de reprodução e de mercado, portanto, são difíceis de serem rompidas, e tão pouco será a escola, sozinha, que dará conta de realizar a cisão do sistema, seria ilusão pensar dessa forma. É necessário uma reversão do sistema capitalista para que outra forma de viver e produzir desse conta da transformação.

O trabalho junto às famílias

Na conversa com os estudantes, o conceito de trabalho junto às famílias foi, aos poucos, aparecendo conforme o questionamento ia sendo direcionado: qual



Figura 2. Menino ao lado da avó durante a plantação de cebola
Fonte: Acervo fotográfico E. M. E. F. José Pinto Martins.

a localidade que moram e qual o trabalho que sua família realiza? Era o que perguntávamos. Para pensar sobre as respostas para essa pergunta, é importante refletir acerca do trabalho no seu sentido mais amplo e fundante da constituição dos seres humanos, tal como afirmam Frigotto e Ciavatta (2012):

Na construção da sociedade, cabe interiorizar desde a infância o fato de que todo o ser humano, enquanto ser da natureza e, ao mesmo tempo, distinto dela, não pode prescindir de, por sua ação, sua atividade física e mental, seu trabalho, retirar da natureza seus meios de vida. A afirmação remete à produção do ser humano como um ser da natureza, mas também como produto da sociedade e da cultura do seu tempo. Trata-se, então, de, no processo de socialização, afirmar, o entendimento do meio de produção e reprodução da vida de cada ser humano – o trabalho como um dever e um direito em função exatamente do seu caráter humano (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 751).

A ideia de estar representado junto/com ou sem a sua família, mas falar sobre o trabalho foi algo difícil de ser verbalizada, às vezes por vergonha de falar, e às vezes por dificuldade de realizar e de ter o trabalho como atividade presente na família. Assim, apareceram pequenas falas como: eu gosto do trabalho na lavoura, explicitando na fotografia o trabalho ao lado da avó durante a plantação de cebola (Figura 02), demonstrando uma identidade com o trabalho realizado, ou seja, uma atividade compartilhada entre as diferentes gerações familiares na propriedade.

Outros relatos como: eu gosto de ajudar a bater o feijão com o meu avô, também apareceram, o que pode ser identificado como o produto da sociedade e da cultura do seu tempo, tal como Frigotto e Ciavatta (2012) afirmam ao tratar do conceito de trabalho. Bater o feijão para realizar a separação do grão das vagens e, posteriormente, tirar as impurezas da produção utilizando a direção do vento, tal como o avô aprendeu com os antepassados e continuou fazendo ao longo dos anos, é um saber fazer específico que não se encontra nos livros e manuais de técnicas agrícolas da atualidade, mas sim na transmissão do conhecimento perpetuado entre as gerações, ou seja, é um patrimônio imaterial familiar baseado na tradição oral e que continua sendo repassado para as futuras gerações da família.

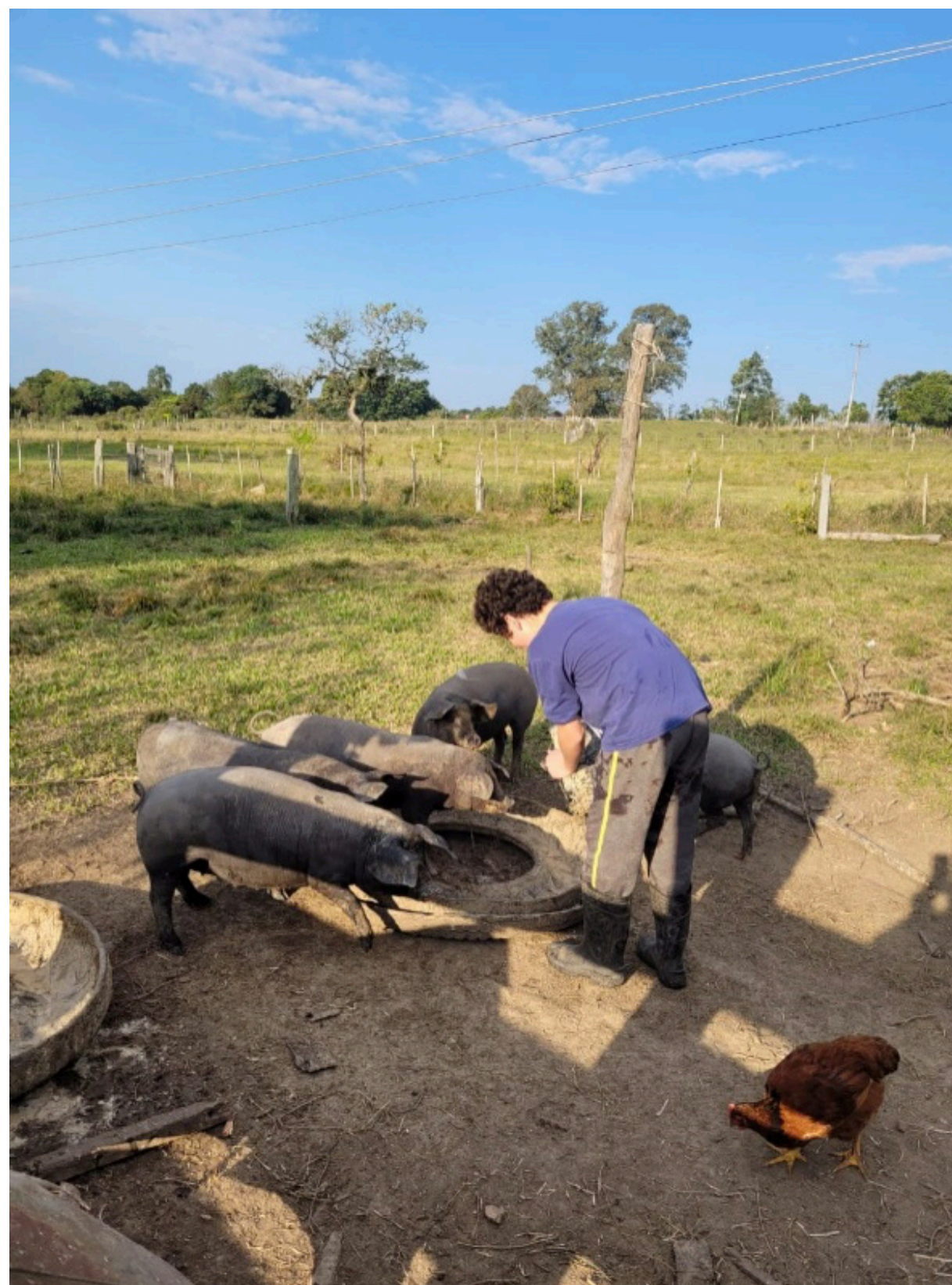


Figura 03: A rotina do trabalho na alimentação dos porcos
Fonte: Acervo fotográfico E. M. E. F. José Pinto Martins.

Ressalto a fala de uma menina que ajuda os pais na alimentação dos animais antes de ir para a escola, ou seja, bem cedo pela manhã, afirmando que os bichos têm que comer, complementando que seu sonho é ser veterinária. Para finalizar a sua fala no dia da atividade na escola, ela ainda ressaltou que quer ficar aqui, referindo-se ao lugar para morar. Ao ver a foto, e os comentários da filha posteriormente à atividade realizada, os pais ficaram surpresos, pois não sabiam que um trabalho escolar sobre o trabalho da família (agrícola e pecuária) poderia dar esse reconhecimento para a filha, e, conseqüentemente para a própria família.

Outro relato bastante interessante apareceu na fotografia que retratou a rotina do trabalho com os animais. Conforme afirmou o jovem estudante, na propriedade da família há vários animais, entre eles os porcos, as galinhas, as vacas e as ovelhas. O estudante escolheu o trato dos porcos para evidenciar seu relato e a representação da identidade familiar frente ao pedido da atividade escolar (Figura 03).

Ao escolher esse trabalho na propriedade da família para ser fotografado, o estudante tem inculcada a premissa do conceito da representação, ou seja, como ele gostaria que os expectadores (colegas e professoras) o vissem no trabalho familiar, afirmando uma forma de exibição da sua identidade que gostaria de ver e de ser reconhecida (CHARTIER, 2002). Este fato pode ser afirmado também sobre os demais registros que demonstram o trabalho familiar camponês, tal como discutido anteriormente.

Muitos trabalhos das famílias foram evidenciados na referida atividade de extensão e que não foram problematizados no texto. As reflexões realizadas servem de referência para os demais trabalhos familiares: serraria, leiteira, cortar mato (acácia e eucalipto para lenha); ainda trabalhos com doces e artesanatos, entre outros. Estes ainda ficarão para outro momento de análise.

Ao finalizar o artigo, permanecem ainda muitas perguntas sem respostas. De fato, são as perguntas que assegurarão a continuidade das ações de extensão, de ensino e de

pesquisa para o futuro. No entanto, algumas conclusões são possíveis: os adolescentes são os partícipes do contexto rural, mesmo quando não se reconhecem como tal, ou mesmo quando a família espera que vivam em outros contextos; os estudantes autorizaram-se a dizer que são os partícipes do trabalho camponês junto às famílias, construindo como adolescentes uma maneira de verbalizar o que gostam, o que não gostam e de pensar sobre o futuro.

O fato dos estudantes colocarem-se no papel de ajudantes do trabalho familiar é algo que os vincula à categoria de adolescentes, ciclo da vida de uma idade de transição e no papel de subordinação social, ou seja, fase em que se colabora com a família no trabalho executado. Como tornar-se protagonistas de si mesmos? Esta é mais uma pergunta que ainda aguarda respostas e, com certeza, a ação problematizada aqui é pouco frente às demandas que a sociedade capitalista apresenta para o tema.

Além dessas problematizações, penso que é muito difícil para o pouco tempo de execução das atividades de extensão junto à escola afirmar que é possível pensar na formação das lideranças rurais para a localidade estudada. Também creio que o pouco tempo de execução das ações não levariam a uma formação de suas identidades, mas sim contribui para que aos poucos as reflexões reverberem junto às famílias. O trabalho efetivo está apenas no início. Tal como afirmei na introdução: colocamos as cartas sobre a mesa! Há muito o que fazer, problematizar, construir! Seguimos refletindo com os adolescentes e com a juventude!

Referências

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude do campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Pereira; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2010. p. 437- 444.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre a incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade: UFRGS, 2002.

GESTÃO INTEGRADA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MORRO REDONDO – RS –BRASIL. Site. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/o-polo-morro-redondo/>. Acesso em: 25 out. 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Território camponês. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Pereira; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2010. p. 744 – 748.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Pereira; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2010. p. 748 755.

LEÃO, Geraldo. ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (org.). Juventudes do campo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

WILLIAMS, Raymond, O campo e a cidade: na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Rural teenagers and their representations at work

The paper describes and discusses aspects of rural teenagers’ life experience via an activity performed in the School José Pinto Martins, located in Capela da Buena, Morro Redondo, RS, Brazil. The outreach activity is responsible from the program Juventude Rural (Rural Youth), in progress since 2021. Based on a pedagogic activity with middle school final years classes, the students were challenged to use photography to represent family and work. Conversation circles were held for appreciation of the answers. The analysis was performed based on two categories: representation from rural youth and work concepts. Finally, this article concludes that teenagers are participants in the rural context, even when the family expects them to live in other contexts.

Vânia Grim Thies
vaniagrim@gmail.com

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora Associada do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Líder do grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - FaE/UFPe) e coordenadora do Centro de Memória e pesquisa Hisales. Integrante do Grupo de Pesquisa Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (GARPE/CNPQ). Integrante do comitê científico ANPED Nacional no ano (GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita) e ANPED SUL (GT Alfabetização, Leitura e Escrita). É vice-presidente da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE/RS). Associada da ANPED, SBHE e ASPHE. Tem experiência na área de Educação atuando nos seguintes temas: História da Educação, História da Cultura Escrita, Práticas de leitura e escrita escolares e não escolares, Educação do Campo.

II

A EXPERIÊNCIA DE PLASMAR

FOTOGRAFEANDO

Jovens Trabalhadores Rurais

Educação e Patrimônio Cultural

Jennifer Paola Pisso Concha

Seja bem-vindo à exposição “FOTOGRAFEANDO Jovens Trabalhadores Rurais | Educação e Patrimônio Cultural” que através das lentes de fotografia e da imagem em ação no rural, convidá-lo a conhecer e explorar sobre as representações da cidade sob ótica da juventude.

O rural torna-se em lar e espaço de inspiração para “congelar no tempo” o simples da vida cotidiana dos jovens, mas é também um chafariz de sentidos que se expande em texturas, cheiros, cores, lugares, seres vivos que fazem do território o que o pintor faz no lenço, o que o escritor faz com as páginas em branco, nessa oportunidade, o que os jovens fizeram em cada clique na câmera do celular: Criar e Deixar uma Marca Visível que fale do que somos, do que temos e do que queremos dar a conhecer.

Portanto, o trabalho é concebido como atividade prazerosa de fazer, de curtir, de amar; é potência de criação e co-criação. Se tece trabalho em rede, em comunidade

e se mapeia imageticamente o que fala sobre Morro Redondo. Os jovens da Escola Municipal Alberto Cunha e da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Pinto Martins, constroem uma visão de trabalho no rural que nos encanta pela beleza do dia a dia e surpreende-nos pelos quadros vivos e naturais que se encontram pelos caminhos do território vivo.

Aliás, a fotografia funciona como ferramenta de significação do tempo e dos espaços; é uma metáfora da memória; é um fragmento dos lugares e ‘tesouros humanos’ de Morro Redondo. Assim, sob olhar da juventude de Morro Redondo percorremos na Galeria 3D “frames” físicos, humanos e afetivos. Por um lado, você cativa suas pupilas através de catorze (14) fotografias que plasmam uma terra dos sonhos, dos afetos, da água que corre no território enquanto se cristaliza um céu que encanta. Por outro lado, você contempla dez (10) fotografias que compõem “Eu e minha família”, construindo um elo entre viver e sentir o território. Finalmente, as vinte quatro (24) fotografias que ‘nutrem’ a Galeria 3D são uma memória imagética que mistura as nossas próprias paisagens naturais, humanas e emocionais.

Boa imersão e proveitosa visita!

JOVENS TRABALHADORES RURAIS

AFETO



Momento fofura
Diulia Neves Köms

No pátio de casa. Três bebês órfãos que salvamos e que agora retribuem todo nosso cuidado com muitas travessuras.





Salomè
Diulia Neves Kôm

*No Campo. Mostra a sintonia e o amor
transmitido de uma com a outra.*





Amor pelos animais
Tábata Corrêa da Rosa

*Na minha casa. Em homenagem
ao aniversário do meu pai. Sinto
muito amor pelos animais e pelo
meu pai.*



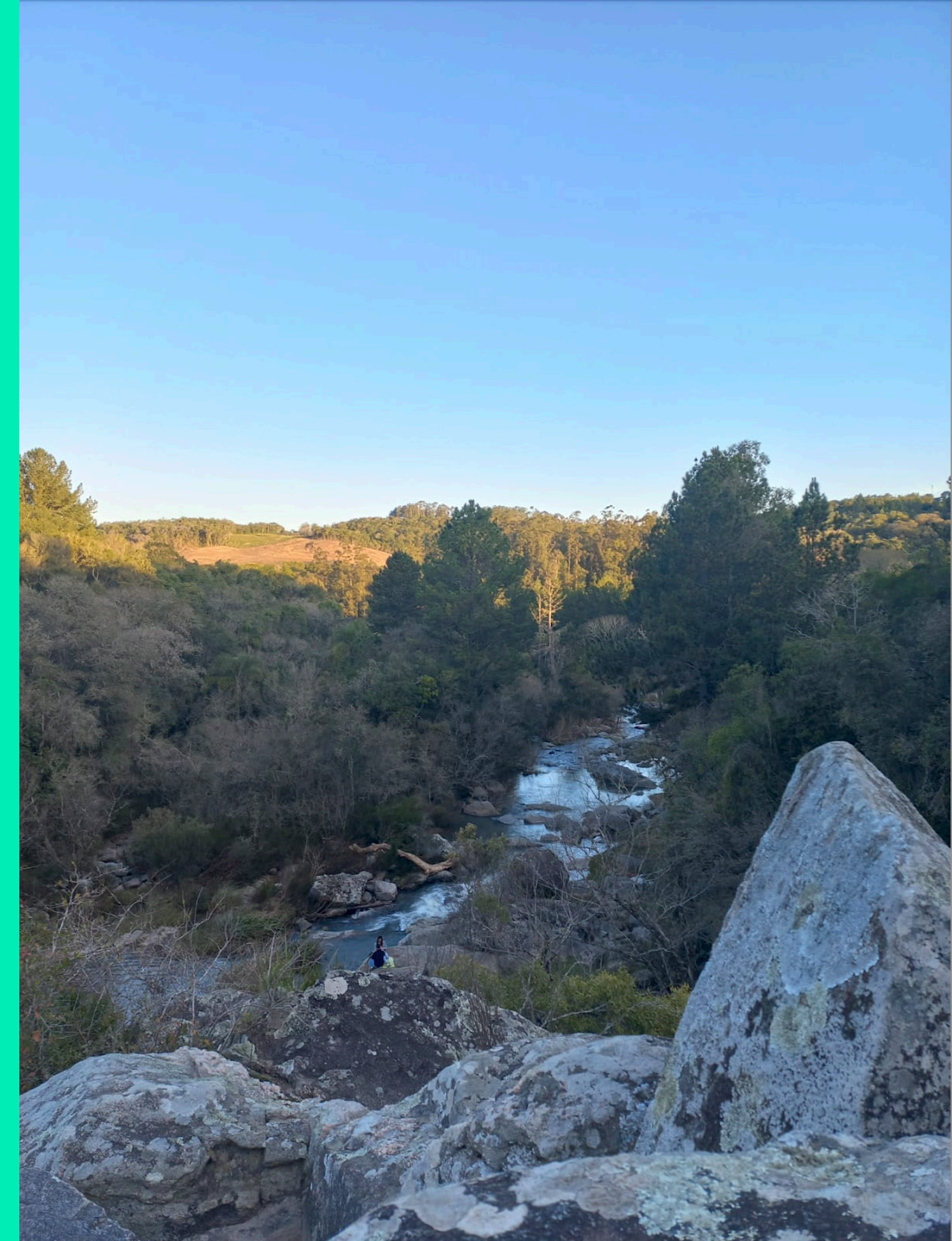


Paixão
Diulia Neves Köms

No campo. Galopando pelo campo numa sintonia com a petiça, sentindo o vento batendo no rosto.



ÁGUA QUE...CORRE!



Minha primeira vez
Brenda Becker Crisel

Dia especial para mim, pois estava com pessoas importantes e foi a primeira vez que fui na queda d'água da cachoeira.

A ponte
Alice Sheer Kickofel

Vinícula Nardello.



Casa da minha vó
Francieli Mohnsam Crizel

É uma paisagem da casa da minha vó.





Pedras altas
Guilherme Neujarh Otto

Fazenda Santa Angelica.





Minhas terras
Alisson Ruan Mielke Maron

*É o lugar que eu descanso e
me sinto bem.*



Pedras altas
Guilherme Neujarh Otto

Fazenda Santa Angelica.



CÉU QUE ENCANTA

Anoitecer
**Giuly Karoline Timm Leal de
Oliveira**

Na minha casa.



Pôr-do-sol
Ketlin Otto

*Na minha casa. Achei o pôr-
do-sol lindo; as nuvens tinham
formatos diferentes e as cores
do céu e do sol se encontravam.
Estava perfeito.*



O luar
Helena Kohls Fischer

O pôr-do-sol em Morro Redondo.



Um dia inesquecível
Victor Correa

*Morro Redondo. Admiração pelo o
céu porque no dia estava lindo.*



EU E MINHA FAMÍLIA

A rotina do trabalho
Bryan Brasil dos Santos de Castro

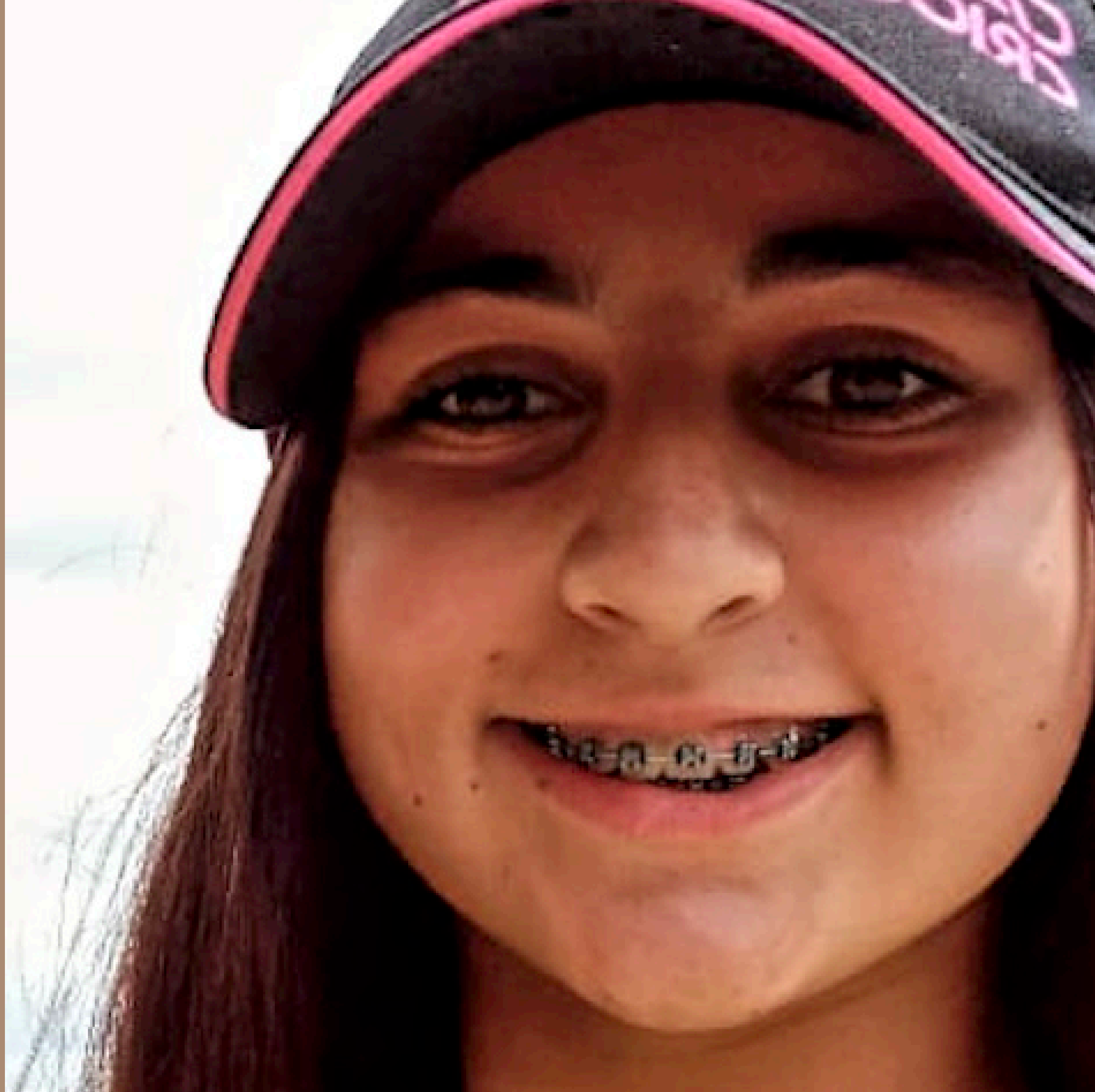
*Chiqueiro de porco na propriedade.
Mora Cerro da Buena. A foto
representa a rotina do trabalho com os
animais. Além dos porcos, há outros
animais: galinha vaca e ovelhas.*





Espaço Rural
Jenifer gomes Pereira

Fundos da casa. Mora no Santo Amor. A foto representa os fundos da casa, com o campo. Jenifer ajuda os pais no trato dos animais antes da ida para a escola: "os bichos têm que comer", como ela diz. Seu sonho é ser veterinária.





O lugar que eu gosto
Andressa da Rosa Costa

No alto do cerro. Mora no Cerro da Buena. A foto representa o lugar que gosta de sentar e ficar observando, é um local alto que se vê ao longe.





Trabalho do campo
Leonardo Madureira Schvants

No campo. Mora na Capela da Buena. A foto representa a lida diária no campo, com o cavalo e o cachorro no trabalho com a pecuária, ajudando o pai. Gosta de morar na localidade, quer fazer o curso de Direito e ser delegado, mas se puder escolher, vai morar na zona rural.



Campo
Francesco Manchini

No campo. Mora na Estrada da Costa, gosta do trato com os animais, especialmente de cuidar das vacas. A foto representa o espaço do campo, lugar que gosta de estar.



O chimarrão cultivando a tradição **Igor de Castro Bandeira**

No pátio da casa do avô. Igor mora no Cerro da Buena e ajuda a mãe no trato com os animais. A foto representa o seu desejo de, no futuro, fazer a carreira artística e estudar a arte.





Agro
Gabriel Viegas

*Em cima do caminhão com soja.
Mora na localidade de Figueirinhas. A
fotografia mostra o trabalho da família
com a colheita de soja, gosta dos tra-
tores e máquinas.*



No meio do rebanho
Gustavo Pinho Leal

No galpão com as ovelhas. Mora na Colônia Açoita Cavalo. Gosta do trabalho com as ovelhas, significa a rotina do dia.



Espaço rural
Miguel Severo

Na frente da casa. Mora na Estrada da Capela da Buena. Escolheu o local para a foto porque acha muito bonito o espaço rural. A fotografia também demonstra um pouco da propriedade.





Quem planta colhe
Alyson da Rosa Nunes

*Na lavoura. Mora na Colônia Reserva.
Gosta do trabalho na lavoura e, na
foto, mostra o trabalho ao lado da vó,
plantando cebola.*



Fotografar, registrar, mostrar e sonhar o futuro, vivendo o presente

Francisca Ferreira Michelin

1. COUTO, Mia. Poema da Despedida.

2. BARTHES, Roland. A câmara clara. Lisboa: Edições 70, 2008.

3. Sobre a exposição, ver: Luiz Oosterbeek, Francisca Ferreira Michelin, João Fernando Igansi Nunes. Catálogo Exposição Fotográfica Morro Redondo: Paisagens. Mação: ITM, 2022. Suplemento do volume 52 da série ARKEOS - Perspectivas em diálogo. Acesso em: <https://drive.google.com/file/d/1Tj-UEMumP6isCX-XM5ltGnR2b2enYpZM/view>.

Depois de ver as imagens e ler os textos que as antecedem - ou vice-versa - muito pouco resta a dizer sobre o conteúdo deste livro. O que importa, já foi visto: a espontaneidade, a alegria, a imensidão do rural, o entrosamento com o meio ambiente, a fluidez dos hábitos, o afeto, a consciência de estar no seu lugar e de trabalhar no que é seu, com o coração, sobretudo. É preciso muita juventude para tantos sentimentos simultâneos. Mas, como já disse o poeta: “Nenhuma palavra alcança o mundo”¹. Por isso falamos tanto, tantas vezes: para tentar que o mundo caiba no verbo. Em verdade, não acredito que possa e não me esforço em fazê-lo caber. Mas, a fotografia é tão cativante, que se deseja falar dela, sempre. Cativante, neste caso. Em outros, é coisa diversa.

A fotografia pertence à dimensão do sonho. E, nem sempre, os sonhos são bons. Mais uma vez, neste caso, os sonhos o são. Falam, no presente, de um bom futuro. Futuro inerente ao que cada um e cada uma desses jovens fotógrafos registrou. Porque a fotografia além do noema “isso foi”², também é um enunciado oblíquo feito pelo presente esperançoso, sobre o além do seu tempo próprio.

E foi o encanto da fotografia que preencheu a primeira exposição da Galeria GIPC: “Paisagens de Morro Redondo”³. Nessa exposição, a extensão da área rural do

município esteve muito bem registrada, não por decisão sumário do fotógrafo, mas por consequência da característica marcante do território. A presença do meio ambiente e da ocupação humana ficou registrada naquelas fotografias. Faltava falar diretamente das pessoas que ali estavam. Esta segunda exposição, cumpriu a meta. E com muita felicidade, é necessário que se diga.

A Galeria GIPC é um espaço de exposição virtual que foi constituído sobre um projeto muito sonhador: Laneira, a Casa dos Museus⁴. Sonhador demais para se tornar realidade. Nos lugares institucionalizados e formalizados, como as universidades, sobra pouco para o devaneio, que é expressão livre dos sonhos. Tudo o que se faz deve estar referenciado, justificado, formalizado e aprovado por diversas instâncias. Aquilo que se costuma chamar de liberdade de pensamento (e existe, em alguns lugares e em certos momentos) costuma ser, excetuando casos especiais, apenas um conjunto de valores orquestrado em representações previamente valoradas e aceitadas. Longe está de ser livre.

Eventualmente, insurge-se o sonho e, então, pode ser que apareçam fatos imprevistos. Mas, para que tamanha felicidade ocorra, há de se encontrar um sonhador que ocupe um lugar muito decisivo⁵.

A Casa dos Museus não teve essa sorte. Com o passar do tempo, deixou de ser um projeto para ser uma ideia. Uma ideia elegante e inteligente: parabéns aos arquitetos que a formalizaram⁶. Uma ideia generosa e integradora: parabéns aos museólogos e então diretores de museus que a conduziram. Uma ideia promissora, que em outros lugares do Brasil e do mundo rendeu bons resultados. Aqui, na nossa universidade, foi arquivada. Somos consolados pelo fato de que boas ideias um dia encontram seu lugar. Há de se esperar o tempo certo, que também é contexto sonhador.

Por ora, é alegria que enche o coração ver as fotografias da exposição “Fotografando:

4. Para conhecer como seria o local acesse: <https://www.google.com/search?q=laneira+a+casa+dos+museus&oq=laneira+a+casa+dos+museus&aqs=chrome..69i57j69i64.587104j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:-5c5b6061,vid:P2LT9eKZrqc>. Nos créditos finais há o nome de todos que desenvolveram o projeto (conceitual e arquitetônico).

5. Um exemplo bastante conhecido (e inspirador) é o caso do Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS, inscrito em 1998 no Programa Nacional de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura (PRONAC) e ativo até hoje como um setor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para saber mais sobre o projeto, acesse: <https://www.ufrgs.br/patrimoniohistorico/o-que-e/>.

6. Celina Maria Britto Correa; Ricardo Pintado; Liciane Machado.

jovens trabalhadores rurais” ocupando esse lugar virtual.

Volto à fotografia. Ela, em si mesma, é uma boa ideia: competente, generosa, aberta, incansável e que avança, abrindo-se para todas as possibilidades. Não deixa de ser uma forma de transcendência, metafísica da química e da própria física. É memória, sem ser humana. É atemporal, ainda que sendo histórica. É sonho (ou pesadelo), dado como registro e documento. É tanta coisa, por isso cativa, assusta, convence e faz duvidar. E encanta.

E há poucas coisas melhores do que o encantamento.

Parabéns aos jovens fotógrafos, vocês nos encantaram com apenas uma câmera na mão e uma ideia - feliz - na cabeça.

Francisca Ferreira Michelin

Professora Titular do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro
– Universidade Federal de Pelotas.

Abertura

Rui Brizolara - Prefeito de Morro Redondo;
Angelica Boettge dos Santos - Vice-prefeita de Morro Redondo;
Anderson da Rocha Güths - Secretário de Educação de Morro Redondo;
Diego Ribeiro - Coordenador do Polo Morro Redondo da Cátedra UNESCO-IPT de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território no Polo Morro Redondo/RS;
Ingelore Scheunemann - Representante do Polo Morro Redondo da Cátedra UNESCO-IPT de Humanidades e Gestão Cultural;
Jennifer Paola Pisso Concha - Coordenadora da Exposição "Jovens Trabalhadores Rurais Educação e Patrimônio Cultural";
Vânia Grim Thies - Representante do projeto "Eu e minha família";
Valéria Feldens - Representante da Rede Municipal de Escolas de Morro Redondo,
Fábio Guimarães de Castro Neves - Representante da Universidade Católica de Pelotas.

Diego Ribeiro - Coordenador do Polo Morro Redondo da Cátedra UNESCO-IPT de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território no Polo Morro Redondo/RS.
Centro de Eventos Valdino Krause





Ingelore Scheunemann - Representante da Cátedra UNESCO-IPT de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território no Polo Morro Redondo/RS.
Centro de Eventos Valdino Krause





